



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, CAMPUS V
CURSO DE LETRAS, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS**

JÉSSICA DE SANTANA MIRANDA SOUZA

**A CULTURA DO ESTUPRO NA LITERATURA *YOUNG ADULT*:
UMA ANÁLISE DO LIVRO *ASKING FOR IT***

Santo Antônio de Jesus
2022

JÉSSICA DE SANTANA MIRANDA SOUZA

**A CULTURA DO ESTUPRO NA LITERATURA *YOUNG ADULT*:
UMA ANÁLISE DO LIVRO *ASKING FOR IT***

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras,
Língua Inglesa e suas Literaturas, do Departamento de Ci-
ências Humanas - Campus V - Universidade do Estado da
Bahia, como requisito para obtenção do título de Licenciada
em Inglês.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sally Cheryl Inkipin

Santo Antônio de Jesus
2022

JÉSSICA DE SANTANA MIRANDA SOUZA

**A CULTURA DO ESTUPRO NA LITERATURA YOUNG ADULT: UMA ANÁLISE DO
LIVRO *ASKING FOR IT***

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras, Língua Inglesa e suas Literaturas, do Departamento de Ciências Humanas - Campus V - Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Inglês.

Aprovada em: 09/12/2022

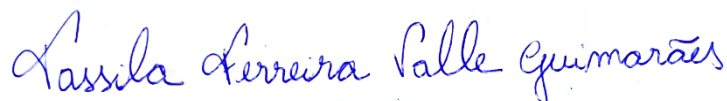
BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Prof.^a Dra. Sally Cheryl Inkpin (UNEB)



Prof.^a Dra. Ilmara Valois Bacelar Figueiredo Coutinho (UNEB)



Prof.^a Ma. Tassila Ferreira Valle Guimarães (UNEB)

Santo Antônio de Jesus

2022

AGRADECIMENTOS

Ao Pai Maior.

Aos meus Guardiões.

Aos meus Guias.

Quando cheguei na universidade, muitos perguntaram-me o porquê de ter escolhido ser professora. “Porque quero ser para os meus futuros alunos o que muitos professores que já tive foram para mim”, respondia, com orgulho e carinho. Ao longo dessa jornada acadêmica, deparei-me com acolhimento, desafios e incentivos que só fortaleceram o meu desejo de tornar-me uma boa profissional, sem ausentar-me da minha sensibilidade. Por isso e por tanto que não caberia em meras palavras, agradeço aos meus professores – que acompanharam a minha jornada nos últimos anos e contribuíram para o meu crescimento acadêmico e pessoal, encorajaram-me e depositaram em mim confiança, especialmente quando me faltava. Levarei em potinhos na minha memória, um potinho para cada professora/professor, todo cuidado e dedicação voltados para a minha formação profissional, crítica e humana. Agradeço especialmente a Sally Inkpin, Ilmara Valois, Marla Satorno, Jamily Caribé e Alyxandra Gomes. Espero plantar nos meus futuros alunos e alunas sementinhas de esperança, coragem e alegria como vocês plantaram em mim.

À minha irmã Juliana – a razão de toda fonte de alegria e amor desse mundo.

À minha vó e à minha mãe – os pilares de minha existência.

À minha prima Francielly Côrtes – que uma vez, dentre tantas palavras sábias, disse-me: “Não use ninguém como régua. É você por você. Só você.”

À minha família – uma parte de sangue, outra composta por presentes do universo, ambas igualmente importantes para mim.

A todos aqueles que contribuíram para o meu progresso, tendo permanecido ou não na minha vida.

Aos meus gatos – Luka, Clara, Peter, Baltazar, Felina – miau.

Dedico este trabalho inteiramente a todas
as mulheres vítimas de violência sexual.

“They are all innocent until proven guilty. But not me.
I am a liar until I am proven honest.”¹

¹ Todos eles são inocentes até que se prove o contrário. Mas eu não. Eu sou uma mentirosa até provar que sou honesta.
(O'NEILL, 2015, p. 292)

RESUMO

A cultura do estupro está impregnada na sociedade e suas representações subjugam e condenam as mulheres a uma vida de medo, silêncio, culpa e violência. Realiza-se neste trabalho a análise do romance de Louise O'Neill (2015), *Asking for it*, cuja narrativa é conduzida por Emma, a protagonista, vítima de um estupro coletivo. A jovem de apenas 18 anos assiste enquanto fotos suas, tiradas pelos estupradores na noite do crime, são publicadas por eles em uma rede social, além de sofrer com a dor e trauma da agressão sexual. Este texto está dividido em três partes: na primeira apresenta-se a relevância e contribuições da literatura para o leitor, mais especificamente da literatura *Young Adult*. Em seguida, discute-se e caracteriza-se aspectos da cultura do estupro a partir de conceitos como a dominação masculina, a objetificação do corpo da mulher e a culpabilização da vítima. Por fim, a partir dessas discussões, analisa-se como a cultura do estupro é representada e caracterizada no romance de O'Neill. A base teórica faz-se em consideração aos conceitos dos autores: Alleen Pace Nilsen e Kenneth L. Donelson (2008), Antônio Cândido (1995), Terry Eagleton (2006), Kate Harding (2015), Renata Sousa (2017), Heleieth Saffioti (1987), Lana Lima (2017), entre outros. Percebe-se, também através do presente texto, a pertinência de utilizar a literatura *Young Adult* para abordar temas urgentes e necessários, como a violência contra as mulheres, bem como histórias que contem sobre suas dores e lutas, a fim de espalhar força e informação como meios de combater o patriarcado.

Palavras-chaves: Cultura do estupro. Literatura. Young adult.

ABSTRACT

Rape culture is ingrained in society and its representations subjugate and condemn women to a life of fear, silence, guilt and violence. This work analyzes the novel by Louise O'Neill (2015), *Asking for it*, whose narrative is led by Emma, the protagonist, victim of a gang rape. The 18-year-old girl watches as photos of her, taken by the rapists on the night of the crime, are published on a social media, adding to the suffering from the pain and trauma of the sexual assault. This text is divided into three parts: the first presents the relevance and contributions of literature to the reader, more specifically from Young Adult literature. In the second, aspects of rape culture are discussed and characterized based on concepts such as male dominance, sexual objectification of women and victim blaming. Finally, from these discussions, we analyze how rape culture is represented and characterized in O'Neill's novel. The theoretical basis considers the concepts of the authors: Alleen Pace Nilsen and Kenneth L. Donelson (2008), Antonio Cândido (1995), Terry Eagleton (2006), Kate Harding (2015), Renata Sousa (2017), Heleieth Saffioti (1987), Lana Lima (2017), among others. Through the analysis of this text, the relevance of using Young Adult literature to address urgent and necessary topics becomes clear. Topics like violence against women, as well as stories that tell about their pain and struggles should be used to spread strength and information as means to fight patriarchy.

Keywords: Rape culture. Literature. Young adult.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A CULTURA DO ESTUPRO NA LITERATURA <i>YOUNG ADULT</i>	13
2.1 O papel da literatura	13
2.2 A relevância da literatura YA para seu público	15
2.3 A cultura do estupro na YA	18
3 “IT’S NOT ABOUT SEX; IT’S ABOUT POWER.”	23
3.1 A dominação masculina	24
3.2 A culpabilização da vítima	28
3.3 Objetificação do corpo feminino	31
4 DISCUSSÕES SOBRE A CULTURA DO ESTUPRO EM <i>ASKING FOR IT</i>	35
4.1. “Easy Emma”	35
4.2 “They’re good boys really. This all just got out of hand.”	41
4.3 “I brought him in here. This was my idea.”	45
4.4 “She has no face. She’s just a body, a life-size doll to play with. She’s an it.”	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

1 INTRODUÇÃO

O espaço na literatura destinado aos jovens conta com uma diversidade de temas que são abordados de diferentes maneiras, tendo como exemplo a “cultura do estupro”, questão que vem tomando uma proporção considerável, principalmente em textos da literatura *Young Adult*². Quando ela surgiu, os temas considerados tabus, como gravidez, puberdade, sexualidade, etc., não eram tão comuns. A presença de personagens e/ou de histórias que representem o espaço juvenil e os problemas sociais emergentes dos jovens é muito importante, pois a literatura de um modo geral e a YA³ em específico podem contribuir na produção, aceitação e desenvolvimento de opiniões críticas sobre as questões presentes nos romances.

Compreende-se a literatura como um instrumento alicerçador, capaz de provocar questionamentos profundos. Os livros comunicam sentimentos, histórias que, ao serem ficcionalizados, transmitem emoções, ensinamentos e são também acolhedores. Faz-se importante discutir sobre seu papel, principalmente quando os textos literários abordam, de forma crítica e até mesmo de denúncia, temas atuais e indispensáveis a serem apontados e debatidos, como a representatividade de problemas sociais, especificamente da violência contra as mulheres. Embora os personagens sejam fictícios, os papéis que eles representam refletem uma realidade vivida por muitas pessoas, com diferentes experiências (fictícias ou não) contadas a um público que pode se relacionar, alertar e até mesmo instruir.

Afinal, o que é a cultura do estupro? Esse termo surgiu na década de 1970 no âmbito do Movimento Feminista estadunidense e foi utilizado para se referir à normalização de comportamentos violentos praticados, na maioria dos casos, contra mulheres, e para conceituar um domínio cultural na qual as leis, valores, normas, etc., favorecem a violência sexual. Um dos fatores que mais chamam a atenção ao debater sobre esse tema é que as vítimas são constantemente culpadas e levadas a esconder a violência sofrida, muitas vezes por vergonha e/ou medo de seus agressores que, por sua vez, desfrutam da certeza da impunidade sobre seus crimes.

As mulheres pertencem a um grupo considerado minoria – não por ser, de fato, um grupo menor, mas por ter tantos direitos negados e ao qual tanta violência é direcionada diariamente. Por mais que as questões citadas acima venham sendo debatidas com mais frequência devido a movimentos coletivos sociais de mulheres, ainda existe uma grande resistência na

² “Jovens adultos”, entretanto, durante o presente trabalho, o termo em inglês será mantido.

³ O termo *Young Adult* será tratado pela sigla YA ao longo deste trabalho.

sociedade que é dominada pelo patriarcado e que não só banaliza a violência sofrida por elas, como também as responsabiliza pela brutalidade dos seus agressores/estupradores.

Nesta pesquisa, constrói-se uma discussão sobre como a cultura do estupro se manifesta – através da dominação masculina (submissão feminina), objetificação do corpo da mulher e culpabilização da vítima. Compreender esses conceitos e caracterizações é necessário, uma vez que essa cultura é tratada como algo normal/natural. Desse modo, faz-se necessário desnaturalizar as práticas de violências contra as mulheres.

O objeto de estudo é o texto da literatura YA *Asking for it*⁴, escrito por Louise O’Neill (2015), no qual ela retrata uma jovem vítima de um estupro coletivo que tem fotos do crime expostas nas redes sociais pelos próprios estupradores. Este é um trabalho bibliográfico e propõe-se, no geral, a discutir e problematizar a cultura do estupro e suas caracterizações. Além disso, visa tratar sobre o papel da literatura, especialmente a YA, e de como são abordadas as questões de violência sexual. Por fim, identificar as caracterizações da cultura de estupro, de modo mais gráfico, a partir da análise de suas representações na obra em destaque – apontando os comportamentos típicos dos agressores, as atitudes e reações da sociedade em volta da vítima e como ela lida com a dor e traumas resultantes do crime.

Entende-se ser muito relevante discutir essa temática, pois é uma forma de dizer, principalmente do ponto de vista das mulheres, com base na desigualdade de gênero, que esse não é um problema de uma mulher só, mas um problema social amplo que deve ser debatido e combatido. Por esse motivo, faz-se necessário estudar e analisar como essas questões são abordadas na literatura, tendo em vista que os livros contribuem positivamente na fundamentação e no amadurecimento de ideias e opiniões, a partir do momento que o leitor é atraído e passa a dialogar com o texto, acionando suas próprias vivências e fazendo reflexões mais profundas sobre diferentes cosmovisões. Além disso, a literatura permite identificar e instruir a respeito de representações sociais misóginas e machistas.

É oportuno um estudo mais estreito deste campo, e considerando que as narrativas da literatura YA dispõem de personagens e contos significativos, tanto quanto os demais textos, faz-se necessário falar sobre a representatividade e a parte essencial que ela possui ao contar histórias que também são relativas a este público. Além disso, é preciso discutir os elementos que teoricamente constituem a cultura do estupro no romance para assim desmascará-los e analisar como essas questões são abordadas. Tendo em vista os argumentos citados e que são voltados ao papel que a literatura exprime é indispensável uma investigação sobre como os-

⁴ Tradução oficial: A culpa é minha.

textos da literatura YA fazem a abordagem de problemas sociais sérios e como essa compreensão chega ao público juvenil.

Este trabalho está dividido em três partes. Na primeira seção, a discussão é voltada primeiramente para o papel da literatura e, logo em seguida, mais especificamente, para a literatura *Young Adult* e sobre a cultura do estupro nos romances da YA. Para fundamentar as noções concernentes a este conteúdo, empregam-se as ideias de Regina Zilberman (2008), Alleen Pace Nilsen e Kenneth L. Donelson (2008), Katy Lewis (2017), Terry Eagleton (2006), Antonio Cândido (1995), etc.

Na segunda seção, trata-se do poder masculino exercido sobre as mulheres. Argumenta-se que o estupro não é sobre o ato sexual, mas sobre a dominância existente de um sexo para com o outro: do masculino sobre o feminino. Ainda nesta seção são apresentadas algumas caracterizações da cultura do estupro, a partir das ideias de teóricas, como Renata Sousa (2017), Heleieth Saffioti (1987), Lana Lima (2017), entre outras.

As discussões feitas nas primeiras seções são pertinentes para uma melhor compreensão da terceira seção, na qual é feita uma análise das representações da cultura do estupro no livro *Asking for it* (2015). Para tal, identifica-se os indícios dessas representações, a partir de discursos da vítima, de como ela se vê diante do crime e das repercussões que se sucederam, bem como os discursos de outros personagens sobre a protagonista e sobre o crime. Para fundamentar esses tópicos são empregadas as noções da autora Kate Harding (2015), presentes em sua obra *Asking for It: The Alarming Rise of Rape Culture--and What We Can Do about It*, além das autoras já citadas anteriormente.

2 A CULTURA DO ESTUPRO NA LITERATURA *YOUNG ADULT*

É muito comum ver as pessoas tratarem a literatura a partir de uma perspectiva técnica e/ou pedagógica, sendo que a mesma tem um valor significativo no que diz respeito à evolução e formação pessoal e social dos indivíduos. Os leitores, identificando-se ou não com os personagens e com o enredo da história, podem trazer para si os significados ali inseridos, atribuindo e expandindo novos conceitos. Mas antes de tratar sobre o tema proposto, é importante ter uma breve concepção sobre o que é Literatura:

Muitas têm sido as tentativas de definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita 'imaginativa', no sentido de ficção - escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede. (EAGLETON, 2006, p.1)

As palavras de Eagleton (2006) remetem a uma das ideias do presente trabalho, que se apoia na perspectiva de que a literatura é uma ferramenta fundamental para os leitores buscarem não só prazer ao lerem histórias fictícias, mas também é uma fonte de onde podem extrair conhecimento, expandindo seus horizontes, à medida que vão se relacionando com as histórias e personagens. Nesse sentido, faz-se necessário discutir, brevemente, sobre a literatura de um modo geral e, logo em seguida, sobre a literatura *Young Adult*.

2.1 O papel da literatura

A literatura envolve o leitor e o leva para diferentes mundos, diferentes realidades, das quais ele pode não ter quaisquer experiências anteriores. Neste caso, a leitura sobre determinado enredo pode fazer com que o mesmo amplie sua visão de mundo, tornando-o mais compreensivo quanto ao que está sendo tratado, e o faz a partir do momento em que põe em prática a própria empatia, pois acaba desenvolvendo a capacidade de lidar com situações reais, semelhantes às que podem encontrar nas obras. Para Zilberman (2008, p. 17), "O leitor tende a socializar a experiência, cotejar as conclusões com as de outros leitores, discutir preferências. A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam resultados e confrontam-se gostos."

A título de exemplo, pode-se destacar a ficção contemporânea que, de forma geral, cria personagens e cenários imaginários para retratar o mundo, recorrendo à ficção para abordar problemas atuais e discutir possíveis questionamentos. As histórias consideradas como

ficções contemporâneas apresentam tramas que retratam problemas pessoais e/ou individuais e sociais que refletem a vida contemporânea. Elas retratam o mundo e a realidade, falando de temas, como o machismo, padrões de beleza, violência, religião, casamento, alcoolismo, entre outros. Os personagens aparecem como pessoas reais, com problemas reais, e os acontecimentos representados são próprios dos que o leitor poderia encarar no seu cotidiano.

Quando o leitor não só amplia seu entendimento e absorve o que foi lido, mas também, e principalmente, estabelece uma conexão com a história e seus personagens, é ainda mais significativo, pois nesse contexto o leitor se identifica com as particularidades daquela obra que está sendo lida.

[...] a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. (ZILBERMAN, 2008, p. 17)

Para Cândido (1995, p. 186), a literatura, “[...] pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza.” Dessa forma, pode promover uma reforma interna, instigando o leitor a repensar, desconstruir e criar novos conceitos a partir dessas experiências literárias. Mas para além das questões pessoais do indivíduo, a literatura também pode servir de elucidação concernente à realidade social na qual o leitor está inserido. Ainda de acordo com Cândido:

Um poema abolicionista de Castro Alves atua [...] também pela natureza da sua posição política e humanitária. Nestes casos a literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles. É aí que se situa a *literatura social* na qual pensamos quase exclusivamente quando se trata de uma realidade tão política e humanitária quanto a dos direitos humanos, que partem de uma análise do universo social e procuram retificar as suas iniquidades. (CÂNDIDO, 1995, p. 180)

A literatura exerce um papel fundamental na (des)construção de (pré)conceitos e até mesmo na ampliação de visão de mundo. Isso é possível através de narrativas que colaborem para o desenvolvimento do leitor, permitindo-o explorar a sua realidade e a realidade de pessoas ao seu redor. Nessa perspectiva, faz-se relevante evidenciar a representatividade e o papel que a literatura exprime ao abordar as violências sexuais que mulheres sofrem, na maioria discrepante das vezes, por homens. É relevante um estudo mais estreito deste campo - das

narrativas da literatura *Young Adult* – bem como falar sobre a representatividade e a parte essencial que ela possui ao contar histórias relativas aos jovens adultos.

2.2 A relevância da literatura YA para seu público

A literatura *Young Adult*, a YA, é voltada para os jovens, e veio para contar as suas histórias, os seus questionamentos e dilemas vividos, para que eles tivessem um espaço onde pudessem ler narrativas com as quais pudessem se identificar sem censura.

When the term first found common usage in the late 1960's, it referred to realistic fiction that was set in the real (as opposed to imagined), contemporary world and addressed problems, issues, and life circumstances of interest to young readers.⁵ (CART, 2008, s/p)

Quando ela surgiu, os temas considerados tabus, como gravidez, puberdade, sexualidade, machismo, etc. – descritos de uma forma crítica – não eram tão comuns. Entretanto, o diálogo sobre esses assuntos é muito importante, pois a literatura de um modo geral e a YA em específico podem contribuir na produção e aceitação de novas identidades, no reconhecimento e reflexões sobre as violências sofridas por mulheres, bem como outros problemas sociais.

A literatura YA está cada vez mais popular e é direcionada particularmente aos jovens, embora seja lida por qualquer pessoa interessada por suas construções literárias. Nela pode-se encontrar ficção e não ficção, romances e distopias, fantasia (nessa o leitor pode deparar-se com histórias de vampiros, lobisomens e demônios), ficção científica, etc. Além disso, histórias que contêm problemas sociais sérios, como racismo, homofobia, e cultura do estupro – este sendo o foco principal do presente trabalho – podendo servir como denúncia ou, em alguns casos, apenas continuar normalizando o comportamento agressivo dos homens para com as mulheres, além de outras características que configuram essa cultura.

A YA é destinada ao público entre 12 e 18 anos (NILSEN; DONELSON, 2008, p. 3) e alcançou um reconhecimento significativo nas últimas décadas. Obras de diversos (as) autores (as) vêm sendo publicadas por editoras reconhecidas e, além da explosão em quantidade de exemplares, houve uma grande melhora quanto à qualidade, segundo Michael Cart (2008), autor, editor e crítico de títulos dessa tendência literária. Há também um vasto público adulto

⁵ Tradução livre da autora: Quando esse termo passou a ser usado no final dos anos 1960, ele se referia à ficção realista que se situava no mundo contemporâneo real (o contrário do mundo imaginário) e abordava problemas, questões e circunstâncias de vida de interesse dos leitores jovens.

que desfruta do que a literatura YA tem pra oferecer, colocando-a como um fenômeno na indústria cultural.

Para Nilsen e Donelson (2008, p. 39):

Knowing our common background gives us a sense of the past and insights into the values that our society wants to pass on to its young people. It also helps us realize why certain kinds of books have consistently proven popular while giving us a deeper understanding of current events and trends in the world of books and modern entertainment.⁶

Ao contrastar os anos 1800, quando o acesso dos jovens à literatura se restringia a livros demasiadamente religiosos, e os tempos atuais, que têm um universo de possibilidades, percebe-se que narrativas que dispõem de temas e elementos que atraem o interesse dos jovens têm conquistado um espaço expressivo no mundo literário.

As mudanças culturais, econômicas e sociais foram ocorrendo e deram espaço para esta modificar-se e alcançar seu próximo estágio. Na metade da década de 1960, os autores tiveram a chance de escrever mais livremente e explorar a escrita sobre seus personagens de forma mais realista, abrangendo um território antes proibido. "One by one, taboos on profanity, divorce, sexuality, drinking, racial unrest, abortion, pregnancy, and drugs disappeared."⁷ (NILSEN; DONELSON, 2008, p. 52)

Décadas atrás, sem ter livros de entretenimento que suprissem, diretamente, suas necessidades, os jovens recorriam à literatura destinada ao público adulto e acabavam não encontrando, nestas obras, questões, personagens e situações nas quais pudessem se relacionar, pois as narrativas continham elementos de uma realidade ainda não vivida por eles.

Foi somente no final da década de 1960 que o primeiro livro da literatura *Young Adult* foi lançado. *The Outsiders* (HINTON, 1967) foi escrito quando a própria autora era uma adolescente, e esta obra mostrou ser exatamente o que as editoras estavam procurando. A história é contada da perspectiva de Ponyboy, um garoto de 14 anos que perdeu os pais em um acidente de carro, e ele lida com a questão de ser aceito na sociedade e fazer parte de um grupo, ao mesmo tempo em que tenta identificar-se como indivíduo, levantando questões de autoconhecimento. As editoras, então, visando inovar e suprir o público jovem, começaram a investir nas publicações de livros YA. Em 1970, Judy Blume lançou *Where Are You, God? It's Me*,

⁶ Tradução livre da autora: Conhecer nosso contexto nos dá uma noção do passado e discernimento dos valores que nossa sociedade quer passar para os jovens. Isso também nos ajuda a entender por que certos tipos de livros têm se mostrado consistentemente populares ao mesmo tempo que nos dão uma compreensão mais profunda dos eventos e tendências no mundo dos livros e entretenimento moderno.

⁷ Tradução livre da autora: [...] Um por um, tabus sobre palavrões, divórcio, sexualidade, bebida, conflitos raciais, aborto, gravidez e drogas desapareceram.

Margaret, livro que também fala sobre autoconhecimento, mais especificamente, a puberdade, o que na época era tabu.

A literatura YA lida com constantes mudanças. A sociedade muda, passa por diferentes fases, e os autores precisam dispor de maneiras para atender às necessidades de um novo período e sua nova demanda de interesse e questionamentos, o que também reflete na linguagem e no estilo de texto. Ela agrega, por exemplo, obras distópicas, que têm triunfado na indústria literária, e sucessos de vendas como o primeiro livro da trilogia de Suzanne Collins, *The Hunger Games* (2008) e os livros da saga *Harry Potter* (1997-2009) escritos por J.K. Rowling e que seguem até hoje sendo aclamados pelo público.

Muitos jovens buscam livros que possam refletir sua vida, direta ou indiretamente, nos quais possam se sentir representados de alguma forma. Por isso, os autores buscam formas de criar personagens e histórias que sejam relevantes para esse público, levando em conta a realidade na qual estão inseridos, a fim de criar um diálogo mais próximo e representativo com eles. No meio de uma diversidade de narrativas, encontra-se temas variados, como racismo, bullying, sexualidade, divórcio de pais, agressões físicas, estupros, autoconhecimento, etc. – personagens se descobrindo e lutando para se reconhecerem na sociedade.

Quando questionado sobre a importância da literatura *Young Adult*, Cart (2008, p. 2) comenta sobre como não teve, na sua adolescência, qualquer obra literária que pudesse se espelhar, pois não se identificava com nenhuma das narrativas disponíveis na época.

[...] I have devoted my own career as a writer, reviewer, editor, and anthologist to creating and promoting books that give faces and fully realized lives to all young people but especially to those who have been invisible, overlooked, and neglected because of their sexual orientation, countries of national origin, religious beliefs, physical appearance, or personal idiosyncrasies—all of those, in short, who have been regarded as the outsiders, the other, and who, therefore, have been relegated to the darkest margins of society.⁸ (NILSEN; DONELSON, 2008, p. 5)

Sendo assim, é preciso ratificar o papel e a responsabilidade que a literatura YA carrega, podendo servir de apoio para que jovens se sintam vistos, representados e acolhidos, bem como ferramenta para discussões de questões sociais, como por exemplo, as violências sexuais e simbólicas, temas que serão abordados esmiuçadamente em seguida. Cândido diz que: “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade

⁸ Tradução livre da autora: [...] Eu dediquei minha carreira de escritor, crítico, editor e antologista à criação e divulgação de livros que dão caras e vidas plenamente realizadas a todos os jovens, mas especialmente àqueles que têm sido invisíveis, esquecidos e negligenciados por causa de sua orientação sexual, nacionalidade, crenças religiosas, aparência física ou idiosincrasias pessoais - todos aqueles, em suma, que foram considerados como estranhos, o outro, e que, portanto, foram relegados às margens mais obscuras da sociedade.

de vivermos dialeticamente os problemas.” (CÂNDIDO, 1995, p. 175) Embora o autor se refira a literatura de um modo geral, sua fala se aplica também à YA.

2.3 A cultura do estupro na YA

Kathleen C. Colantonio-Yurko, Henry Miller e Jennifer Cheveallier (2018), três professores de Artes de Língua Inglesa, em seu trabalho intitulado *‘But She Didn’t Scream’: Teaching About Sexual Assault in Young Adult Literature*⁹ (2018, p.2), argumentam que “students should understand the issue of sexual violence as a traumatic and real part of the lived human experience, especially because young adults are heavily represented in sexual violence statistics.”¹⁰ Os autores defendem a utilização de romances da YA para tratar questões referentes à violência sexual. O artigo publicado – uma compilação de suas experiências como professores desse público – também dispõe de dicas que outros profissionais da área de educação ligada à literatura podem utilizar ao abordar tais temas em suas aulas.

Katy Lewis (2017), em sua dissertação *She Wanted It?: Examining Young Adult Literature And Its Portrayals Of Rape Culture*¹¹, analisa a cultura do estupro e as discussões e implicações do tema em romances da YA. Para isso, a autora utiliza *Gabi, A Girl in Pieces*, de Isabel Quintero (2014), *Speak*, de Laurie Halse Anderson (1999), *Inexcusable*, de Chris Lynch (2005), e *All The Rage*, de Courtney Summers (2015). Esses livros não são abordados no presente texto, entretanto, podem servir de referência para os leitores.

Tanto o trabalho dos professores citados acima (2018) quanto o de Lewis (2017) reforçam a importância que a literatura YA possui para investigar, debater, instruir e alertar sobre questões que fazem parte da sociedade, neste caso, mais especificamente, a cultura do estupro. Privar os jovens de ter acesso a informações concernentes a esse tema por considerá-lo inadequado pode contribuir para uma continuação de violências físicas e/ou simbólicas, além de apresentar-se como uma forma de subestimar a capacidade de compreensão e empatia desse público, impedindo que os jovens se tornem indivíduos responsáveis e críticos acerca dos problemas sociais nos quais estão inseridos.

Colantonio-Yurko, Miller e Cheveallier (2018), através de seu trabalho inspirador, mostram que é possível utilizar a literatura YA como uma ferramenta de discussões e (des)construções dos mitos que cercam a cultura do estupro. Os professores sugerem, a partir

⁹ Tradução livre da autora: ‘Mas ela não gritou’: ensinando sobre agressão sexual na literatura para jovens adultos

¹⁰ Tradução livre da autora: os estudantes devem entender a questão da violência sexual como uma parte traumática e real da experiência humana, especialmente porque os jovens estão fortemente representados nas estatísticas de violência sexual.

¹¹ Tradução livre da autora: ‘Ela queria?’. Examinando a literatura para jovens adultos e seus retratos da cultura do estupro.’

de suas experiências com esse trabalho, que a elaboração de tal projeto pode ser feita através da oferta, por exemplo, de um clube de leitura, porque, segundo os autores, “some students might find sexual violence triggering or upsetting. By making texts optional, administrators might be more supportive and can better work with teachers should parental push-back become an issue.”¹² (COLANTONIO-YURKO; MILLER; CHEVEALLIER, 2018, p. 4)

Por ser um tópico considerado tabu e até mesmo impróprio para adolescentes, os professores podem deparar-se com uma certa resistência por parte das instituições de ensino e de famílias (COLANTONIO-YURKO; MILLER; CHEVEALLIER, 2018, p. 4). A literatura, por ser uma ferramenta de instrução, pode torna-se um instrumento considerado perigoso nas mãos dos leitores. Entretanto, não é do interesse de grupos sociais “dominantes” que buscam controlar as narrativas que lhe favorecem, que os grupos “dominados” construam conhecimentos sobre assuntos que são utilizados para manter as desigualdades sociais. Para Cândido (1995),

[...] nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. Daí a ambivalência da sociedade em face dele, suscitando por vezes condenações violentas quando ele veicula noções ou oferece sugestões que a visão convencional gostaria de proscrever. No âmbito da instrução escolar o livro chega a gerar conflitos, porque o seu efeito transcende as normas estabelecidas. (CÂNDIDO, 1995, p. 176)

Erika Cleveland and Sybil Durand (2014) também fizeram uma análise de romances da literatura YA a partir da inquietação sobre como o tema da violência sexual está sendo abordado nesses textos, e elas relatam que isso

[...] became a much larger inquiry and revealed the depth and complexity of sexual violence in adolescents’ lives. Examined alongside current research and analyses of media, YAL has the potential to serve as a valuable resource for shedding some light on sexual violence and critically engaging adolescents on this relevant issue.¹³ (CLEVELAND; DURAND, 2014, s/p)

Elas consideram que “teachers must provide accurate information to their students about the social context of sexual assault in all types of relationships and ensure that diverse

¹² Tradução livre da autora: Oferecemos esta sugestão porque, para alguns estudantes, o tema de violência sexual pode ser um “gatilho”. Ao tornar os textos opcionais, os administradores podem ser mais favoráveis e podem trabalhar melhor com os professores caso a resistência dos pais se torne um problema.

¹³ Tradução livre da autora: [...] tornou-se uma investigação muito maior e revelou a profundidade e a complexidade da violência sexual na vida dos adolescentes. Examinada juntamente com pesquisas e análises atuais da mídia, a literatura YA tem o potencial de servir como um recurso valioso para lançar alguma luz sobre a violência sexual e engajar criticamente os adolescentes nesta questão relevante.

student populations have adequate resources and avenues of support.”¹⁴ (CLEVELAND; DURAND, 2014, s/p) Entretanto, esquivar-se da ideia de que apenas os professores são detentores de todo conhecimento e que estão ali apenas para transferir um amontoado de informações para os alunos, como se eles fossem uma “tábula rasa” – a educação bancária, desconstruída por Paulo Freire (1987). Dessa forma, criar uma ponte entre professores e alunos para uma troca construtiva no percurso contínuo de aprendizado.

One male student shared that he had previously engaged in catcalling. When Kathleen asked him why, he said he thought that “girls like it.” In class discussion, his peers (predominantly female) explained that they had felt frightened in their everyday lives when men made uninvited calls after them. It was through this moment of class discussion that the teacher was able to deconstruct why catcalling and other related behaviors were aggressive and demeaning.¹⁵ (COLANTONIO-YURKO; MILLER; CHEVEALLIER, 2018, p. 6)

Na situação relatada acima, os professores encorajam os alunos a pensarem a respeito de comportamentos retratados em um romance YA. Embora a professora tenha contribuído com a discussão, a partir de suas leituras e experiências pessoais, a participação e relatos dos alunos foram fundamentais para a (des)construção acerca de um comportamento comumente praticado por homens e experienciado por mulheres.

Em um outro momento, uma aluna afirmou que: “[...] that there were implications for their own lives: ‘Girls get reputations for dating that boys don’t. A girl who dates a lot of guys won’t be believed if they say they were assaulted because people will just say she’s a ‘slut.’”¹⁶ (COLANTONIO-YURKO; MILLER; CHEVEALLIER, 2018, p. 6) Através do texto discutido em sala, com a mediação dos professores, a aluna se posicionou criticamente diante do tema, fazendo relações entre a história fictícia e suas experiências pessoais.

Outro ponto levantado pelos autores é que, ao trabalhar temas relacionados à violência sexual, os alunos podem desenvolver pensamentos críticos acerca de outras questões sociais e eventos históricos. (COLANTONIO-YURKO; MILLER; CHEVEALLIER, 2018, p. 9) Para tal, exemplificam:

¹⁴ Tradução livre da autora: os professores devem fornecer informações precisas a seus alunos sobre o contexto social da agressão sexual em todos os tipos de relacionamentos e garantir que diversas populações estudantis tenham recursos e vias de apoio adequados.

¹⁵ Tradução livre da autora: Um aluno compartilhou que ele já havia se envolvido com cantadas. Quando Kathleen perguntou o porquê, ele disse que achava que ‘as garotas gostam disso’. Na discussão em classe, seus colegas (predominantemente mulheres) explicaram que se sentiam assustadas em suas vidas cotidianas quando os homens davam cantadas indesejadas. Foi por meio desse momento de discussão em aula que a professora conseguiu desconstruir por que as cantadas e outros comportamentos similares eram agressivos e humilhantes.

¹⁶ Tradução livre da autora: [...] que havia implicações para suas próprias vidas: ‘As garotas têm uma reputação por namorar que os meninos não têm. Uma garota que namora muitos caras não vai ser acreditada se ela disser que foi agredida porque as pessoas vão dizer que ela é uma ‘vadia’.

Jen asked her students to compare how their U.S. History textbooks addressed slavery with how Draper writes about slavery in *Copper Sun*. Students were quick to point out that their textbooks did not mention the raping and assaulting of enslaved people. Students then discussed why textbooks would leave out this part of history. In her future teaching, Jen wants students to compare assault and rape, real and alleged, in *Copper Sun* with *To Kill a Mockingbird*. Students will explore why white men in *Copper Sun* raped enslaved women with no consequences while Tom Robinson, a black male, was unjustly accused of raping a white woman despite evidence of his innocence in *To Kill a Mockingbird*. Teachers can guide students to explore how history, race, and society influence issues of justice in these texts. Through these explorations, students should confront the representation of historical facts and figures, including that some figures often revered in national narratives and history books, perpetuated these injustices.¹⁷ (COLANTONIO-YURKO; MILLER; CHEVEALLIER, 2018, p. 9)

Lewis (2017), por sua vez, explora as questões éticas envolvidas na criação de livros com foco na temática. Para ela:

Ethical considerations of the messages and ideologies that readers are encouraged to take away from such texts emphasize that these types of readers are still learning about the world and that the ethical responsibility of authors involves encouraging readers' critical consideration of the dilemmas found in the texts that they are reading.¹⁸ (LEWIS, 2017, p. 9)

Ou seja, a autora reforça a responsabilidade dos autores na forma como abordam e criam suas narrativas, para que eles não perpetuem a normalização de crenças aderidas pela cultura do estupro. Ela continua, dizendo:

At a time when discussions about rape culture appear throughout social media and the news, our ability to consider how literature addresses these social issues is critical. While many forms of literature deal with aspects of rape culture, it is particularly important to consider how young adult texts address these issues because YA novels hold a special place in our culture as they are (often) the first texts written about the subject that young adults encounter.¹⁹ (LEWIS, 2017, p. 10)

¹⁷ Tradução livre da autora: Jen pediu a seus alunos que comparassem como seus livros didáticos de História dos EUA abordavam a escravidão com a forma como Draper escreve sobre a escravidão em *Copper Sun*. Os alunos foram rápidos em apontar que seus livros não mencionavam o estupro e agressão de pessoas escravizadas. Os alunos então discutiram por que os livros didáticos deixariam de fora essa parte da história. No futuro, Jen quer que os alunos comparem agressão e estupro, real e alegado, em *Copper Sun* com *To Kill a Mockingbird*. Os alunos explorarão por que homens brancos em *Copper Sun* estupraram mulheres escravizadas sem consequências, enquanto Tom Robinson, um homem negro, foi injustamente acusado de estupro de uma mulher branca, apesar das evidências de sua inocência em *To Kill a Mockingbird*. Os professores podem orientar os alunos a explorar como a história, a raça e a sociedade influenciam as questões de justiça nesses textos. Por meio dessas explorações, os alunos devem confrontar a representação de fatos e figuras históricas, inclusive que algumas figuras muitas vezes reverenciadas em narrativas nacionais e livros de história, perpetuaram essas injustiças.

¹⁸ Tradução livre da autora: Considerações éticas das mensagens e ideologias que os leitores são encorajados a tirar de tais textos enfatizam que esses tipos de leitores ainda estão aprendendo sobre o mundo e que a responsabilidade ética dos autores envolve estimular a consideração crítica dos leitores sobre os dilemas encontrados nos textos que eles estão a lendo.

¹⁹ Tradução livre da autora: Em um momento em que as discussões sobre a cultura do estupro aparecem nas mídias sociais e nos noticiários, nossa capacidade de considerar como a literatura aborda essas questões sociais é fundamental. Embora muitas formas de literatura lidem com aspectos da cultura do estupro, é particularmente importante considerar como os textos para

Os autores citados até aqui, bem como tantos outros – investidos e dedicados no estudo da formação de jovens a partir de uma literatura inclusiva e representativa – reforçam o papel e o poder que os livros podem apresentar, principalmente quando empregados de forma que englobe questões sociais vivenciadas pelos leitores. Como diz Cândido (1995, p. 180): “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” Ou seja, para além de seus objetivos didáticos, rigidamente implantados nos currículos escolares, a literatura pode abrir portas para caminhos de conhecimentos sobre o outro e sobre si mesmo, além de ajudar a exercitar a criticidade e desenvolver sensibilidade para a forma que o leitor vê e lida com situações.

3 “IT’S NOT ABOUT SEX; IT’S ABOUT POWER.”²⁰

No patriarcado²¹ o domínio do masculino sobre o feminino pode ser observado em diversos âmbitos e situações (SAFFIOTI, 1987, p. 16). As mulheres desde muito cedo são sujeitadas a atividades caracterizadas como encargos femininos – tendo como exemplo as funções domésticas – além de serem qualificadas como emocionais, sensíveis, incapazes de desenvolver atividades classificadas como masculinas. Já os homens, vistos como sujeitos fortes, inteligentes, racionais e superiores, são os responsáveis por prover a família, podendo desfrutar de espaços públicos sem que quaisquer problemas lhes ocorram, baseando-se em seu privilégio masculino.

Para as mulheres, no entanto, tal liberdade é relativa. A norma machista afirma que as mulheres pertencem ao espaço privado, à vida doméstica, deixando que o homem exerça seu poder livremente no espaço público. Elódia Xavier, em *Tudo no Feminino: Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina* (1991, p 12), diz que a exclusão da vida pública “faz parte da condição feminina, numa sociedade patriarcal, que procura manter a mulher em seu estado de domesticidade.” As mulheres que se atrevem a burlar este modelo machista, entretanto, devem arcar com as consequências caso algo lhes aconteça. Saffioti (1987, p. 8) esclarece que “A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem.” Ou seja, o direito da liberdade pertence apenas àqueles que detêm o poder: os homens, pois são eles detentores de quase todas as empresas, as organizações sócio-políticas, etc.

A sociedade atribui esses favorecimentos ao gênero masculino, além de dar-lhe domínio sobre os papéis que as mulheres podem/devem realizar. Os homens desfrutam das relações de poder, construídas há muito tempo, instigadas e naturalizadas até os dias atuais, e eles temem perder a autoridade que podem e exercem sobre as mulheres (SAFFIOTI, 1987). Segue um exemplo de uma das formas de poder mais cruéis utilizadas comumente pelos homens:

O caso extremo do uso do poder nas relações homem-mulher pode ser caracterizado pelo estupro. Contrariando a vontade da mulher, o homem mantém com ela relações sexuais, provando, assim, sua capacidade de submeter a outra parte, ou seja, aquela que, segundo a ideologia dominante, não tem direito de desejar, não tem direito de escolha. Pode parecer

²⁰ Tradução livre da autora: Não é sobre sexo; é sobre poder. Citação retirada do livro *Asking for It: The Alarming Rise of Rape Culture—and What We Can Do About It* (HARDING, 2015, p. 12)

²¹ “Sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem.” (SAFFIOTI, 1987, p. 16)

extravagante recorrer ao estupro, a fim de exemplificar o grau extremo de poder detido pelo homem em relação à mulher. Todavia, é preciso ponderar que: 1) há milhares de estupros ocorrendo diariamente na sociedade brasileira, grande parte dos quais de autoria dos próprios pais das vítimas; 2) há relações amorosas estáveis, legais ou consensuais, nos seios das quais o estupro é a norma. (SAFFIOTI, 1987, p. 18)

A autora faz menção do estupro como forma de poder do homem sobre a mulher, instituído há séculos e que, ainda atualmente, cresce de forma crítica, sendo propagado pela normalização das violências, neste caso, principalmente, violências sexuais contra as mulheres, o que ocorre nas mais diversas condições, inclusive quando se trata de relações estáveis que deveriam ser pautadas por respeito, cuidado, amor: “Isto é, dado o poder que a sociedade brasileira confere ao homem, julga-se este com o direito de manter relações sexuais com sua companheira, mesmo quando ela não apresenta disposição para tal.” (SAFFIOTI, 1987, p. 18) Embora a autora se refira apenas à sociedade brasileira, este é um problema corriqueiro ao redor do mundo.

Tais acontecimentos precisam ser discutidos, como ressaltado no título que abre a presente seção, “It’s not about sex; it’s about power” (HARDING, 2015, p. 12), sob a ótica do poder instituído ao homem para com a mulher, como os exemplos das ideias de Saffioti (1987) citados até aqui e que serão dialogados com ideias de outras teóricas ao longo deste trabalho. Nessa perspectiva, esta seção discorre conceitos que caracterizam a cultura do estupro, termo ainda desconhecido por muitos, embora as estatísticas referentes a violências sexuais sofridas por mulheres diariamente apontem que é uma discussão necessária e urgente.

3.1 A dominação masculina

Um caso de estupro ocorrido no ano de 2018 abalou o Brasil, como em muitas outras vezes, após o juiz responsável pelo caso ter libertado os quatro homens que violentaram uma adolescente de 15 anos. Além da notável falta de justiça e completo desrespeito à vítima, o juiz alegou que a jovem teria sido responsável pelo encontro com os estupradores, e a “decisão judicial pediu ainda que o MP²² investigasse a adolescente por denúncia caluniosa”, relata Clara Averbuck (2020), escritora feminista brasileira e autora da matéria

²² Ministério Público.

intitulada *Juiz culpa adolescente de 15 anos por estupro coletivo e MP contesta absolvição de acusados*, da *Revista Fórum*.²³

Averbuck relata que “A jovem contou que foi abusada durante quatro horas. Ela teve a vagina dilacerada, hemorragia interna e passou por três cirurgias. A família afirma que foi ameaçada de morte por criminosos ligados aos acusados e teve que mudar de endereço.” A própria Averbuck confessou ter sido estuprada, em agosto de 2017, por um motorista de uber, mas que preferiu não denunciar o caso por não confiar no sistema, “Violência sexual é o único crime que quem tem que provar é a vítima”, desabafou a escritora para o *Jornal O Globo*.²⁴

Estou com o olho roxo e a culpa de ter bebido e me colocado em posição vulnerável não me larga. A culpa não é minha. Eu sei. A dor, a raiva e a impotência também não me largam. Estou falando tudo isso para que todas as que me lêem saibam que pode acontecer com qualquer uma, a qualquer momento, e que o desamparo e o desespero são inevitáveis. O mundo é um lugar horrível pra ser mulher.²⁵

Infelizmente, são muitos os casos de estupro em que a vítima é culpabilizada. Em 2016, uma jovem de 16 anos foi brutalmente estuprada por trinta homens, numa periferia do Rio de Janeiro.²⁶ O caso logo viralizou quando imagens do estupro, em que mostram a menina nua e desacordada, foram publicadas na internet. Embora a garota tenha recebido inúmeras mensagens de feministas e outras internautas que repudiaram o crime, ela também sofreu um ataque de milhões de pessoas questionando seu comportamento, investigando seu passado, culpabilizando-a pelo crime que sofrera, além de comentários ofensivos, machistas, mascarados de “brincadeiras”.

Embora o termo “cultura do estupro” tenha surgido apenas na década de 1970, as suas caracterizações sempre existiram, porém são tão normalizadas e banalizadas que mal são reconhecidas pela maioria das pessoas, embora estejam impregnadas em todos os âmbitos sociais. O comportamento agressivo do homem que é comumente aceito e até mesmo instigado pela sociedade, de um modo geral, alimenta uma masculinidade tóxica e perigosa.

Lana Lage da Gama Lima (2017), em sua obra *Cultura do Estupro, Representações de Gênero e Direito*, descreve a cultura do estupro como

²³ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2020/1/30/juiz-culpa-adolescente-de-15-anos-por-estupro-coletivo-mp-contesta-absolvio-de-acusados-68362.html>

²⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/clara-averbuck-fala-sobre-estupro-sofrido-por-motorista-de-uber-como-sempre-duvidam-da-vitima.ghtml>

²⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/clara-averbuck-fala-sobre-estupro-sofrido-por-motorista-de-uber-como-sempre-duvidam-da-vitima.ghtml>

²⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/adolescente-luta-para-superar-trauma-de-estupro-coletivo-na-praca-seca-19383700>

[...] um ambiente cultural em que leis, normas, valores e práticas favorecem a violência sexual contra a mulher, com base nas desigualdades de gênero, que fazem com que homens considerem mulheres sua propriedade e objeto natural de uma sexualidade exacerbada e violenta. (LIMA, 2017, p. 8)

Em sua publicação para a revista *Language and Law/Linguagem e Direito*, Lima (2017) analisa documentos referentes ao cristianismo ocidental e mostra ao leitor como as caracterizações presentes nesses documentos até hoje persistem na sociedade – são construções antigas que se solidificaram com o passar do tempo através de discursos religiosos, mais precisamente “normas e valores do cristianismo” (LIMA, 2017, p. 2). A autora continua, dizendo: “[...] consideramos que as representações sobre a mulher construídas no âmbito do pensamento cristão estão na base do que foi denominado posteriormente cultura do estupro.” (LIMA, 2017, p. 8).

Dentre as fontes analisadas por Lima, ela conclui, afirmando que “foram identificados sinais, mais explícitos ou menos explícitos, de uma cultura marcada pela permissividade para com a agressão sexual contra a mulher, reproduzida ao longo do tempo, ainda que sob formas e linguagens diferentes.” (LIMA, 2017, p. 2) Ou seja, os vestígios encontrados na sociedade atual são desdobramentos do machismo instaurado há séculos, que se conservam, também, através de discursos tradicionais e religiosos.

Ao refletir sobre as posições ocupadas por homens e mulheres em diferentes âmbitos, é possível perceber que os homens sempre ocuparam lugares mais prestigiosos e, principalmente, espaços de poder. Dentre as coisas designadas a eles, encontra-se o corpo feminino, dando-lhes o total controle para que deles pudessem usufruir como sua propriedade nata. Às mulheres, sobram as atividades domésticas, as normas a serem seguidas e, diga-se de passagem, normas ditadas por eles, e, entre as obrigações, a de satisfazer os seus desejos.

Além da dicotomia entre o homem e a mulher citada acima, existem muitas outras relacionadas ao masculino e feminino. Tendo como exemplo a sexualidade: a masculina é vista como natural, aceitável e, inclusive, é demasiadamente estimulada; por outro lado, a sexualidade feminina é vista como algo repugnante e que deve ser escondido. Para Lima (2017), isso tem origem antiga, partindo do pressuposto que a castidade feminina deveria ser preservada.

A autora faz uma análise das imagens de Eva e Maria, modelos femininos dicotômicos – de como eles foram representados e ainda são utilizados para definir, qualificar e impor determinadas condutas às mulheres. “O controle sobre a sexualidade feminina foi muito mais

rígido, na medida em que a figura de Eva alimentava um sentimento misógino, que via a mulher como lasciva por natureza e, portanto, mais propensa a pecar e a seduzir o homem para o pecado.” (LIMA, 2017, p. 9). Embora essa ideia tenha sido propagada há muitos séculos, ela está instaurada, ainda nos dias de hoje, com muito vigor, em todos os espaços sociais.

Lima (2017, p. 9) ainda traz as ideias de Agostinho, teólogo patrística. Este “associou de forma definitiva o pecado original ao sexo.”. Para ele, Eva foi a culpada por Adão ter pecado e, desta forma, o fez perder o controle sobre seus atos sexuais, inicialmente voltados à vida marital e procriação. No entanto, após ter sido levado a comer a fruta proibida, ele estaria destinado a realizar atos sexuais em consequência de seus desejos (LIMA, 2017).

As ideias de Agostinho trazidas por Lima (2017) reforçam normas cruéis, culpas e responsabilidades ilógicas dirigidas às mulheres desde a antiguidade, fortificando a noção da suposta falta de discernimento do homem, como se este não fosse capaz de pensar por conta própria e assumir a autoria de seus atos. Essas ideias reforçam também uma suposta condição de vitimismo dos homens, ao mesmo tempo em que lhes colocam em uma posição de poder e dominação. Para clarificar a dicotomia das imagens de Maria e Eva, Lima afirma que:

À figura de Eva, como modelo de mulher, se contraporía a de Maria, que conceberia um filho sem praticar o ato sexual, permanecendo virgem mesmo após ser mãe. A preservação da castidade para as solteiras e o sexo conjugal destinado à procriação para as casadas constituíam as condições para a valorização da mulher. Seu comportamento sexual determinaria, assim, a forma como deveria ser tratada socialmente. (LIMA, 2017, p. 9)

As mulheres são categorizadas e controladas por essas imagens que definem quão “boas” elas são, e o nível de respeito que a elas deve ser oferecido. Como afirma Lima (2017, p. 11): “a falta de pudor desqualifica a mulher e justifica as investidas sexuais masculinas contra ela.” Quanto aos homens, eles não precisam controlar seus desejos sexuais – nem sequer é esperado que eles sejam capazes de fazê-lo. É “natural” que eles aproveitem de mulheres que não se enquadrem como “Marias”, que não merecem respeito. Para clarificar,

[...] a misoginia cristã apresentava para as mulheres uma possibilidade de redenção, desde que se enquadrasse do outro lado do modelo dicotômico expresso nos símbolos Eva e Maria. Enquanto Eva e, mais radicalmente, Lilith – a primeira mulher de Adão, expurgada dos textos bíblicos – simbolizam a mulher pecadora, que leva o homem à perdição, Maria, mãe e virgem, simboliza a mulher casta, valorizada pelo controle de seu desejo sexual. Do ponto de vista simbólico, a maternidade valoriza a mulher, pois vincula sua sexualidade à procriação. Virtuosas, honestas, honradas, discretas são as virgens ou as que restringem sua vida sexual à cópula matrimonial. Identificadas com Eva, as que não se encaixam nesse modelo são

desqualificadas e consideradas alvos naturais de investidas sexuais, praticadas inclusive como punição. (LIMA, 2017, p. 4)

Sendo assim, a justiça pelos crimes sexuais cometidos contra as mulheres depende de qual lado da dicotomia cada vítima é classificada: Maria ou Eva. A mulher exemplar, ou a mulher “voltada para o pecado”. A “vítima verídica”, ou a vítima que não merece empatia e justiça. E é dessa forma que esses dois modelos femininos são representados até hoje; esses papéis e comportamentos são utilizados para definir o valor de uma mulher. Acreditar em tais ideias retrógradadas é mais cômodo do que pensar amplamente sobre dominância e opressão, e, inclusive, sobre o próprio lugar de submissão, lugar ao qual as mulheres sempre foram submetidas.

O trabalho de Lima (2017) possibilita fazer questionamentos mais agudos sobre as características que cercam a cultura do estupro – que vitimiza milhares de mulheres diariamente, sendo a maioria discrepante dos casos por homens que, conscientemente ou não do seu lugar de privilégio perante a sociedade, ultrapassam o limite do respeito pelo próximo, não porque eles são incapazes de controlar seus desejos sexuais, mas por querer impor as suas vontades, aproveitando-se da condição de dominação que o poder masculino assegura. A cultura do estupro tem vestígios seculares, provas de homens usando seu lugar de poder para ditar regras e se beneficiar.

3.2 A culpabilização da vítima

A culpabilização de uma vítima de estupro é uma das formas mais cruéis de violência, pois implica dizer que uma vítima pede e/ou provoca o estupro, além de fazê-la enfrentar mais um trauma que, por vezes, é encarado na solidão, porque a culpabilização vem das pessoas que a cercam, entretanto, pode começar por ela mesma. Renata Floriano de Sousa, em seu trabalho intitulado *Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres*, discorre sobre regras de conduta que,

[...] por sua vez, são inseridas na socialização da mulher desde o momento do nascimento, ensinando-a que tipo e tamanho de roupas vestir, que tipo de maquiagem usar, como se comportar na rua, quando e como beber, quais os horários pode sair de casa, e, assim, sucessivamente, depositando na mulher a responsabilidade sobre os atos dos terceiros contra a sua integridade sexual. (SOUSA, 2017, p. 13)

A culpabilização da vítima é um dos conceitos mais impregnados no que diz respeito à cultura do estupro. As mulheres crescem ouvindo discursos em que são colocadas como responsáveis pelos atos de homens, mesmo quando estes são os reais culpados. Elas crescem acreditando que nasceram para servi-los e para educá-los. Inclusive, um dos fatores determinantes para concluir se uma mulher pode estar falando a verdade quanto a um estupro é a sua conduta antes, durante e até mesmo depois do crime.

A partir da denúncia de um estupro, a mulher passa por um julgamento mascarado de interrogatório sobre o seu passado, sua vida sexual, suas vestimentas e o tipo de relacionamento que mantinha com seu agressor, este último se aplica apenas aos estupros cometidos por familiares/amigos, etc. Renata Sousa (2017, p. 8) afirma que “Não basta a constatação do ato do estupro consumado, seja lá de que forma se deu; também é feita uma apuração sobre o histórico da suposta vítima. Aqui entra o fator da reputação, ou seja, o modo como a sociedade julga o comportamento da vítima antes do estupro.” Além disso, outras diversas formas de agravar as feridas psicológicas e emocionais da vítima são expostas, questionadas e avaliadas. Para clarificar, de uma perspectiva jurídica:

A verdade construída juridicamente vai, assim, favorecer a denunciante ou o acusado, de acordo com os modelos de comportamento feminino e masculino, valorizados na sociedade. Modelos esses influenciados pela hierarquia estabelecida entre os gêneros em uma sociedade patriarcal e misógina. (LIMA, 2017, p. 9)

Na literatura, também pode-se encontrar personagens, discursos e tramas que apoiam os parâmetros do patriarcado, e com isso, é possível ver a cultura do estupro sendo perpetuada através da linguagem misógina e de personagens femininas como protagonistas frágeis que precisam do homem para serem validadas. Além disso, a violência, não necessariamente sexual, fica imperceptível aos olhos do leitor de tão normal que as situações apresentadas são. Em sua tese *She Wanted It?: Examining Young Adult Literature And Its Portrayals Of Rape Culture*, Katy Lewis (2017) faz uma análise das representações da cultura do estupro em quatro romances da literatura YA. A autora introduz sua dissertação trazendo casos reais de estupro com duas características fortes em comum: o silenciamento das vítimas e o fato da sociedade e das instituições responsáveis (dos casos que a autora apresentou) não agregarem culpa ao estuprador, colocando o homem em uma posição de vitimismo.

Além dessa infeliz realidade apresentada por Lewis, a autora reforça outros fatores relacionados à cultura do estupro: “However, other complicated ideas, such as the constructions of masculinity and femininity and the reinforcement of such gender roles, also

support the construction of rape culture.”²⁷ (LEWIS, 2017, p. 2) E esses papéis estritamente definidos para mulheres e homens podem ser percebidos em diversos espaços, tempos, situações, e até mesmo no nível de agressividade em que se aplicam. Vemos crianças nascidas biologicamente com o sexo reprodutor feminino terem suas orelhas furadas como uma forma de demonstrar e reafirmar seu sexo/gênero, ou seja, desde pequenas as mulheres são obrigadas a sentir dor por rigorosas imposições da sociedade.

Os obstáculos e comportamentos impostos às mulheres são diversos. O patriarcado dita os papéis que os homens e mulheres devem seguir, e configura as do gênero feminino como subalternos, pois a mulher é vista como um objeto pertencente ao homem. Para Lima (2017, p. 12), “A tradição patriarcal, entendida como um conjunto de representações articuladas em um modelo de relações de poder, legitima e naturaliza a submissão feminina, refletindo-se em todas as esferas sociais.” Esse poder também é manifestado quando a sociedade atribui às mulheres responsabilidades e culpas, mesmo quando estas estão na condição de vítimas.

Há uma condição estrutural que perpassa a sociedade e todas as suas instituições, que silencia as vítimas e banaliza as violências sofridas por elas – sejam violências verbais, físicas ou psicológicas/emocionais. Para além das violências sexuais mais cruéis praticadas contra as mulheres por homens desconhecidos, a cultura do estupro se faz presente, por exemplo, em relacionamentos abusivos, nos quais a mulher é levada a acreditar que deve tolerar comportamentos agressivos do seu companheiro porque acredita que a agressividade está na natureza deles.

A cultura do estupro também se faz presente quando mulheres se sentem obrigadas a ter relações sexuais com seus parceiros mesmo quando não querem, mas elas acreditam que é o seu dever de esposa suprir os desejos sexuais do seu marido. A esse respeito, Saffioti (1987, p. 19) diz que “Por *dever conjugal* entende-se a obrigação de a mulher prestar serviços sexuais ao companheiro quando por ele solicitada.” Caso contrário, o mesmo poderá procurar ter relações fora do casamento, e a culpa seria da mulher, por “não ter feito seu papel de esposa”, submissa às vontades do seu marido.

A cultura do estupro é a banalização de violências sexuais, emocionais e psicológicas, e estas não são tidas como motivo de espanto para a sociedade. Sousa (2017, p. 13), por sua vez, diz que “[...] é denominado cultura do estupro o conjunto de violências simbólicas que viabilizam a legitimação, a tolerância e o estímulo à violação sexual.” Além disso, as pessoas

²⁷Tradução livre da autora: No entanto, outras ideias complicadas, como as construções de masculinidade e feminilidade e o reforço de tais papéis de gênero, também apoiam a construção da cultura do estupro.

tentam, constantemente, justificar essas agressões – simbólicas ou não – e, na maioria dos casos, tentam fazê-lo à medida em que culpam a vítima.

Essa cultura é fortalecida, também, com a disseminação de pensamentos misóginos e machistas, que determinam o posicionamento da mulher e a condenam quando ela extrapola o limite estabelecido pela sociedade patriarcal, quando rompe esses papéis de gênero fixados rigorosamente. Para Rich (1993, p.19), “As mensagens da Nova Direita dirigidas às mulheres têm sido, precisamente, as de que nós somos parte da propriedade emocional e sexual dos homens e que a autonomia e a igualdade das mulheres ameaçam a família, a religião e o Estado.”

São justamente essas questões que Louise O'Neill aborda em *Asking for it* (2015). Ela mostra ao leitor como é cruel e ao mesmo tempo tão real a culpabilização das vítimas. Como sugere Saffioti (2004, p. 23), “As mulheres são treinadas para sentir culpa. Ainda que não haja razões aparentes para se culpabilizarem, culpabilizam-se, pois vivem numa civilização da culpa.” Além da posição privilegiada dos homens perante a sociedade, estes não são tidos como responsáveis pelos seus atos – suas ações são justificadas e, no geral, não lhes atribuem qualquer culpa.

3.3 Objetificação do corpo feminino

Em *Asking for it*, O'Neill (2015) destaca a beleza da protagonista, o que remete à ideia da objetificação do corpo da mulher e de como seus atributos físicos são usados como ferramentas para atrair a atenção dos homens e satisfazer os desejos masculinos. Todavia, devem permanecer em espaços nos quais a sociedade julga serem adequados para elas. A título de exemplo, a ideia, ainda tão comum, de que mulheres não são destinadas a espaços públicos, diferentemente dos homens.

Espera-se da mulher, ainda que ela tenha uma carreira, que seu trabalho sempre seja secundário à família. O seu salário pode servir para suplementar o do parceiro, todavia, ele deve continuar sendo o principal provedor da família, ainda que este não contribua com outros afazeres e com a criação ativa dos filhos. Quando ela não prioriza tal concepção tradicional e machista, a mulher vê-se diante de críticas embasadas em crenças ultrapassadas que reforçam a desigualdade e violências simbólicas.

São essas ideias que sustentam e tornam normais discursos que dizem que lugar de mulher é dentro de casa, que a mulher que deve ter cuidado para não ser estuprada, em vez de ensinar os homens a respeitarem as mulheres e, claro, a não estuprar: “I stand by framing this

as ‘We need to teach boys not to rape.’ For starters, that statement makes a lot of people furious – which to me is evidence that our culture doesn’t want to deal with the facts about sexual violence and who’s committing it.’²⁸ (HARDING, 2015, p. 38) A racionalidade quanto ao estupro se constrói em cima de um pensamento de impunidade ao homem, e isso se dá pela naturalização de ideias antigas com suas parcelas de influência nos problemas que atingem as mulheres diretamente.

Dentro de casos de estupro, a sociedade classificou rigorosamente as características que definem a ‘vítima perfeita’ bem como o ‘estuprador monstro’. A partir dessas classificações, a vítima perfeita é aquela vista como honesta e que, acima de tudo, lute de todas as formas possíveis contra seu estuprador, ainda que isso signifique perder sua vida. Para embasar esta discussão, as ideias de Sousa são esclarecedoras.

[...] para ser reconhecida como vítima de estupro, não basta sofrer a violência física; é preciso, também, que a mulher, antes da ocorrência do fato, tenha sido classificada dentro da reputação de ‘mulher para casar’, caso contrário, o estupro (quando reconhecido como tal) não será nada mais do que consequência de um comportamento inapropriado. (SOUSA, 2017, p. 9)

A sociedade acredita que mulheres que tem uma vida sexual ativa, bem como qualquer outra que não siga as regras ditadas – como, por exemplo, as que frequentam espaços julgados impróprios – pediram para ser estupradas e, pior ainda, que o estupro não foi de fato um estupro! Além de sofrer o crime, ter sua dignidade roubada, ter seu corpo violentado de uma das formas (se não a pior) mais cruéis, das sequelas psicológicas, emocionais e físicas, a mulher ainda precisa passar por testes que a sociedade impõe, bem como investigações sobre seu passado e conduta para definir se o que sofrera foi causado por ela mesma, ou se a “suposta vítima” merece alguma solidariedade e justiça.

[...] a sua prática sexual não apenas servirá como histórico ginecológico de suas práticas sexuais, mas, também, servirá como atestado social da má conduta da suposta vítima de estupro. Assim, cabe à mulher, enquanto vítima de estupro, não apenas ter um comportamento considerado exemplar antes da violência sexual, assim como dar provas de que é capaz de proteger a sua honra a qualquer custo. (SOUSA, 2017, p. 17)

Sousa (2017) coloca a questão de a vítima ser capaz de proteger a sua honra a qualquer custo, o que remete à ideia da “vítima perfeita”, pois, caso contrário, o estupro passa a ser

²⁸ Tradução livre da autora: Eu defendo isso como ‘Precisamos ensinar os meninos a não estuprar’. Para começar, essa afirmação deixa muita gente furiosa – o que para mim é uma evidência de que nossa cultura não quer lidar com os fatos sobre violência sexual e quem a está cometendo.

apenas um ato sexual que não deu muito certo. E essa resistência da vítima definirá o grau de culpa do acusado. Lima (2017, p. 8) norteia essa ideia, afirmando que “a história do cristianismo está repleta de relatos sobre mulheres que resistiram até a morte diante de uma tentativa de estupro, todas elas santificadas e consideradas modelos de virtude a serem seguidos.”

À vítima perfeita também é atribuída a virgindade – a ideia da mulher ingênua, casta, que está se guardando para o casamento e que, para Sousa (2017, p. 8), é “a representação da honra da família imaculada.” Ou seja, as representações de tradicionalismo e crenças religiosas são impostas e servem de parâmetro da justiça merecida pela vítima. “Uma mulher com vida sexual intensa e conhecida em seu meio social escandaliza não somente os vizinhos ou conhecidos, mas estende para sua família a má fama da mulher.” (SOUSA, 2017, p. 8) A partir dessas discussões, torna-se cada vez mais claro que as mulheres na sociedade, baseando-se na desigualdade de gênero, sofrem imposições muito rigorosas, de diversas formas, nas quais precisam seguir determinações a fim de serem reconhecidas.

Por outro lado, o termo “estuprador monstro” é utilizado para caracterizar o agressor desconhecido para a vítima, aquele que realmente merece ser afastado da sociedade pois sua ação foi considerada grave e esse criminoso é “distinto do grupo de homens ‘normais’” (FIGUEIREDO, 2022, 146). Segundo a autora:

Essa dicotomia (homens normais x homens anormais) serve como proteção social, na medida em que indica que os estupros ‘verdadeiros’, sérios, são cometidos por homens moral ou psicologicamente deficientes que atacam as mulheres desconhecidas e inocentes, enquanto que homens normais não se comportam dessa forma [...] (FIGUEIREDO, 2022, 148)

Além da vítima perfeita, do estuprador categorizado como monstro, há também o estupro considerado, de fato, estupro, como há também aqueles que não são vistos dignos de se obter justiça. E é um dos motivos que levam às vítimas ao silenciamento – a falta de credibilidade que seria atribuída ao crime que sofrera, o medo do julgamento alheio, a “falta de provas” exigidas para que o estupro seja comprovado um estupro “verídico”, e a falta de confiança na justiça. Essa insegurança por parte da vítima surge, principalmente, quando o estupro é cometido por alguém conhecido, amigo, familiar, e até mesmo pelo próprio conjugue.

Apenas em 25 de dezembro de 2003, como parte das comemorações do Dia Internacional da Não Violência contra a Mulher, o Código Penal atual (Decreto lei 2.848, de 7.12.1940) livrou-se do termo honesta como critério para a tipificação dos crimes sexuais contra a mulher. Mas a retirada do termo não significou que esse critério moral tenha desaparecido das representações

sociais dos operadores do Direito envolvidos nos julgamentos desses casos. A honestidade atribuída ou não à vítima continua, ainda hoje influenciando, de forma perversa, o tratamento jurisdicional oferecido às mulheres vítimas de violência sexual. (LIMA, 2017, p. 10)

Como já foi apontado, as mulheres nascem em uma sociedade cuja ideias e crenças legitimam a violência direcionada a elas. Explicitamente ou não, a elas são atribuídas a responsabilidade pelo seu bem-estar e proteção de ataques verbais e físicos socialmente naturalizados. É uma luta constante para provar seu valor e ter sua existência reconhecida – não como um objeto, mas como seres humanos capazes e dignos de viver livremente, com segurança e controle de seu corpo e sua história.

4 DISCUSSÕES SOBRE A CULTURA DO ESTUPRO EM *ASKING FOR IT*

A cultura de estupro, segundo Lana Lage (2017, p. 8), “articula representações sociais que naturalizam a violência sexual, culpando a vítima pelas agressões sofridas, e implica em sentimentos misóginos e machistas, banalizando umas das formas mais deploráveis de violência contra as mulheres.” São essas representações que a autora de *Asking for it*, Louise O’Neill (2015) descreve, a partir das caracterizações de personagens que se assemelham pertinentemente a construções antigas, como o machismo e a subjugação das mulheres, e que se solidificaram com o passar do tempo, através de discursos misóginos.

Os discursos e representações sociais machistas reforçam e perpetuam agressões físicas e/ou sexuais, inferiorizam a mulher no intuito de mantê-la em um lugar de submissão. Muitas vezes, são construções estritamente ligadas a discursos religiosos que buscam reafirmar suas pregações, a partir de interpretações convenientes de histórias bíblicas. Para apoiadores de tais crenças, essas normas e valores se aplicam e definem a legitimidade da denúncia de uma mulher contra seu agressor, pois ela precisa provar que é honesta, modesta, dentre tantos outros requisitos exigidos para que seja validada como vítima.

Nessa perspectiva, faz-se relevante destacar que a literatura veicula discursos e representações poderosos para a instrução e a educação das pessoas, como diz Cândido (1995, p. 180): “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” No âmbito ficcional, podem ser vivenciados situações que, para além das experiências individuais, trazem conhecimentos ricos para a compreensão da própria sociedade, das culturas, da(s) natureza(s) humana(s), gerando empatia, reflexão, criticidade. Nesse sentido, Louise O’Neill apresenta *Asking for it* (2015), objeto de estudo do presente trabalho, como um romance afeito a propiciar reflexões acerca de um tema urgente e necessário, a partir de uma narrativa forte, comovente, carregada de elementos significativos que elucidam situações onde a cultura do estupro é manifestada.

4.1. “Easy Emma”²⁹

O’Neill (2015) traz a jovem Emma O’Donovan como protagonista. A história que se passa em uma cidade pequena da Irlanda é contada em primeira pessoa em duas partes: a pri-

²⁹ Tradução livre da autora: A Emma que é fácil

meira é focada na descrição de Emma e de seus relacionamentos com família e amigos. Ainda na primeira fase, acompanhamos como a vida de O'Donovan vira ao avesso quando ela sofre um estupro coletivo em uma festa e, no dia seguinte, é encontrada dormindo, por seus pais, na varanda de sua casa, sem lembrar-se de nada do que ocorrera na noite anterior. Ela estava com o vestido ao contrário, sem calcinha, coberta de vômito e esperma, e com queimaduras por todo o corpo devido à exposição ao sol, pois os agressores a jogaram na frente de sua casa, onde ficou até quando seus pais a encontraram.

Os fatos apresentados por O'Neill nesse momento descrevem a carga de humilhação sofrida por Emma que foi trazida desde a noite anterior até o momento em que ela é exposta a mais um episódio de degradação, além de toda dor física que é narrada pela jovem: "Daddy? Daddy, help me, I want to say, but my tongue has been cut out of my mouth with the pain."³⁰ (O'NEILL, 2015, p. 116)

A mãe de Emma apresenta uma linguagem rude, em tom de acusação, como se Emma a estivesse envergonhando: "Emma, you're making a holy show of yourself. Get up. *Get up*, I said.", "She touches my face, whispering angrily, wake up, Emma, *wake up wake up wake up*."³¹ (O'NEILL, 2015, p. 115) Além disso, mostra-se incapaz de perceber a dor que a filha está sentindo, fazendo movimentos agressivos que a machucam ainda mais, "A pinch under my arm, squeezing tight. Too tight. *You're hurting me*."³² (O'NEILL, 2015, p. 115)

A percepção que ela consegue ter do pai não a faz se sentir melhor. "Dad reappears, and he has a strange look on his face. [...] He takes a step back from me."³³ (O'NEILL, 2015, p. 116) O relacionamento dos dois, anteriormente descrito com amor e harmonia, passa a tomar um novo rumo. No momento em que Emma mais precisa, ela recebe de seus pais julgamentos e olhares de decepção. Quando ela mais precisa de apoio, seus pais contribuem para que sua filha, a vítima, seja alvo de toda carga de culpabilização jogada sobre ela.

No dia seguinte, Emma descobre que fotos suas, tiradas durante o estupro, foram postadas em redes sociais – tiradas e publicadas pelos próprios estupradores. A partir desse momento, a vida da jovem começa a se despedaçar, pois todos viram as fotos, inclusive seus pais e os responsáveis pela escola onde ela estudava e que, por razões legais, tiveram que denunciar o caso, já que, nas fotos, Emma estava claramente inconsciente. Como diz Ms McCarthy, a

³⁰ Tradução livre da autora: Papai? Papai, me ajude, eu quero dizer, mas minha língua foi cortada da minha boca com a dor.

³¹ Tradução livre da autora: Emma, você está fazendo um grande show de si mesma. Levante-se. *Levante-se*, eu disse., Ela toca meu rosto, sussurrando com raiva, acorde, Emma, *acorde, acorde, acorde*.

³² Tradução livre da autora: Um beliscão debaixo do meu braço, apertando com força. Força demais. *Você está me machucando*.

³³ Tradução livre da autora: Papai reaparece, e ele tem um olhar estranho em seu rosto. [...] Ele dá um passo para longe de mim.

orientadora da escola: “The reason why I’m concerned is that in the photos you seemed to be– [...] unresponsive.”³⁴ (O’NEILL, 2015, p. 165)

Os agressores não tiveram receio algum em publicar essas fotos, bem como em fazer o que fizeram com Emma, como se o corpo daquela menina pertencesse a eles, e não a ela. “She has no face. She is just a body, a life-size doll to play with. She is a thing.”³⁵ (O’NEILL, 2015, p. 146) E é assim que Emma se sente: uma coisa; não mais dona de si ou pertencente àquele corpo, mas um ser que vaga sem identidade, pois aqueles homens tiraram sua dignidade, a deixaram sentindo-se sem valor algum, como ela narra na seguinte passagem: “I was crammed full of rubbish, of shit, of the stuff that was no use any more, that no one wanted, or could ever want again. I was dirty. (I should be thrown away.)”³⁶ (O’NEILL, 2015, p. 259)

A situação se agrava demasiadamente quando Emma se depara com as fotos: “The page has hundreds of likes, and five little stars lined up under the name. ‘Easy Emma’.”³⁷ (O’NEILL, 2015, p. 145) A esse respeito, destaca-se o título desta subseção – nome da página que os estupradores criaram e utilizaram para publicar as fotos. A criação dessa página aponta para uma certeza de impunidade experimentada por esses homens, que se sentiram à vontade em expor sua vítima, em atos criminosos, para além do estupro em si.

As palavras de O’Neill através da narração de Emma transmitem a dor, desespero, humilhação – a completa solidão diante de uma sucessão de episódios de crueldade. “234 likes on just one picture. I’ve never gotten so many likes before, not even that time I uploaded a photo of myself in my bikini [...] Maggie had shared it on her page, saying, ‘Can we all just take a moment to appreciate The Body that is Emma O’Donovan?’”³⁸ (O’NEILL, 2015, p. 146) O comentário “The Body that is Emma O’Donovan” já é uma objetificação em si. Destaca-se nessa passagem a abundância de *likes* em uma foto na qual a pessoa está nua, visivelmente desacordada e em um cenário preocupante – essa mesma foto foi repostada por uma de suas “amigas”. Mais um vestígio da falta de apoio e empatia, pelo contrário, só reforça as violências que a vítima continuou sofrendo após o crime.

No trecho a seguir, Emma descreve uma das fotos que foram postadas. A partir desse relato é possível notar a negação da jovem quanto ao que aconteceu:

³⁴ Tradução livre da autora: A razão pela qual eu estou preocupada é que nas fotos você pareceu estar– [...] sem condições de reagir.

³⁵ Tradução livre da autora: Ela não tem rosto. Ela é apenas um corpo, uma boneca em tamanho real para brincar. Ela é uma coisa.

³⁶ Tradução livre da autora: Eu estava cheia de lixo, de merda, de coisas que não serviam mais, que ninguém queria, ou poderia querer de novo. Eu estava suja. (Eu deveria ser jogada fora.)

³⁷ Tradução livre da autora: A página tem centenas de curtidas e cinco estrelinhas alinhadas embaixo do nome. ‘Emma Fácil’.

³⁸ Tradução livre da autora: 234 curtidas em apenas uma foto. Eu nunca recebi tantas curtidas antes, nem mesmo naquela vez em que postei uma foto minha de biquíni [...] Maggie compartilhou em sua página, dizendo: ‘Podemos parar um momento para apreciar O Corpo que Emma O’Donovan tem?’

345 likes [...] Pale limbs, long hair, head lolling back on to the pillow. The photos start at the head, work down the body, lingering on the naked flesh spread across the rose-covered sheets. *It's not me*. Dylan on top of that girl (*me, me, that can't be me, that's not me*) his hands over the (*my – no, her*) face, as if to cover her up.³⁹ (O'NEILL, 2015, p. 146)

As descrições das fotos são passagens fortes do romance que exemplificam os elementos da cultura do estupro vistos até aqui. A seguir, em mais um fragmento desses relatos, pode-se ver a objetificação de Emma através da exposição do seu corpo nu, sendo machucado, violentado e manipulado para o entretenimento de seus agressores. A culpabilização da vítima é apontada através dos *likes* nas fotos que foram postadas e nos comentários cruéis. A dominação masculina, por sua vez, se faz presente na certeza de impunidade desses homens – um deles até sorri para fotos enquanto violenta uma mulher.

Now Dylan has two thumbs up to the camera. In the next photos his fingers are inside the body, the girl (*me, me, oh God I'm going to be sick*) but she doesn't move. Her head and shoulders have fallen off the edge of the bed. He spreads her legs, gesturing for the camera to come closer, the next few photos of pink flesh, and I think of the hundreds of likes, of all the people who have seen this, who have seen her like this. Me.⁴⁰ (O'NEILL, 2015, p. 146)

No fragmento acima, Emma relata que está, evidentemente, inconsciente nas fotos. Harding (2015, p. 117) aponta que “[...] a sleeping person cannot consent to sex. This should be the most obvious thing in the world, and yet it seems to be the place where a lot of folks get hung up.”⁴¹ Entretanto, tal obviedade não impediu que a sociedade a colocasse como causadora daquelas circunstâncias. Para Renata Sousa (2017, p. 12), os estupradores “reproduzem, por meio de atos, a submissão da vítima à sua vontade, transgredindo os direitos humanos mais básicos de integridade física e psicológica do outro.” E para além de transgredir a integridade física de Emma na noite do estupro, os atos criminosos desses homens continuaram a transgredir a integridade psicológica da vítima.

Nas passagens em que Emma descreve as fotos, é possível ver como a dominação masculina está enraizada na sociedade. Em nenhum momento aqueles homens tiveram receio de serem pegos, ou sequer cogitaram que o que eles estavam fazendo era errado, muito menos

³⁹ Tradução livre da autora: 345 curtidas [...] Membros pálidos, cabelos compridos, cabeça pendendo para trás no travesseiro. As fotos começam na cabeça, descem pelo corpo, demorando-se na carne nua espalhada pelos lençóis de rosas. *Não sou eu*. Dylan em cima daquela garota (*eu, eu, não pode ser eu, não sou eu*) com as mãos sobre o (*meu – não, dela*) rosto, como se para cobri-la.

⁴⁰ Tradução livre da autora: Agora Dylan tem dois polegares para a câmera. Nas próximas fotos os dedos dele estão dentro do corpo, a menina (*eu, eu, meu Deus vou vomitar*) mas ela não se mexe. Sua cabeça e ombros caíram da beirada da cama. Ele abre as pernas dela, gesticulando para a câmera se aproximar, as próximas fotos de carne rosada, e penso nas centenas de curtidas, em todas as pessoas que viram isso, que a viram assim. Eu.

⁴¹ Tradução livre da autora: uma pessoa adormecida não pode consentir a fazer sexo. Esta deveria ser a coisa mais óbvia do mundo, e ainda assim parece ser o lugar onde muitas pessoas ficam presas.

um crime. No trecho a seguir, Emma descreve os sorrisos, a brutalidade, o vômito sobre seu corpo desacordado. Ainda assim, essas fotos também são usadas para ridicularizá-la e diminuí-la: “A photo of Sean, his face twisting in a grimace, then another, puke gushing out of his mouth on to my face, and it’s in my hair, and they are all laughing. In the next photo he has rolled off me, and is on all fours beside the bed, still vomiting.”⁴² (O’NEILL, 2015, p. 148) O privilégio desses homens que lhe asseguram a liberdade de usar, maltratar, dominar o corpo do outro – da mulher – ter evidências desse crime e, apesar disso, sair impunes, além de receber nada além de solidariedade de uma grande parte da sociedade.

A vergonha e culpa que Emma sente são explícitas. Sousa (2017, p. 13), ao falar sobre os discursos machistas e a banalização da violência sexual aponta que “tais valores são repassados para toda a sociedade, que revitimiza a mulher principalmente por colocar-se nas chamadas ‘situações de risco’, nas quais a mesma é culpada por não seguir as chamadas regras de conduta.” Para os estupradores, para a família e amigos de Emma, assim como para todos aqueles desconhecidos debatendo sobre o caso, “Emma was asking for it”⁴³. Pois para eles, ela se colocou nas “situações de risco” a partir do momento em que ela não seguiu as regras impostas para ela – uma mulher.

Na segunda parte do livro, a história é apresentada um ano depois de tudo ter acontecido, e então podemos ver as mudanças que sucederam ao estupro e a repercussão da denúncia feita pela vítima, quando ela decide buscar por justiça. A primeira vez que foi questionada sobre a noite do crime, Emma mentiu, dizendo que estava fingindo estar dormindo, que tudo foi apenas uma brincadeira: “I kept saying that I had been pretending to be asleep in the photos, that it had all been a joke. I still thought it might go away then.”⁴⁴ (O’NEILL, 2015, 228)

Após decidir mudar seu depoimento, atitude encorajada por Bryan, seu irmão, Emma explica ter mentido por medo de que as coisas mudassem, pois, depois de usar a palavra ‘estupro’, a mesma não poderia ser retirada, e tornaria tudo aquilo, de fato, real. Usar essa palavra e ir em frente com a denúncia faria tudo tomar proporções maiores, e ela não sabia se conseguira lidar com o que poderia vir, além de tudo que já estava acontecendo. Emma começa a questionar seu comportamento e culpar-se por ter usado um vestido muito curto, por ter bebido demais, por ter usado drogas, por ser tão bonita que os meninos não ‘puderam resistir’.

⁴² Tradução livre da autora: Uma foto de Sean, seu rosto se contorcendo em uma careta, depois outra, o vômito jorrando da boca para o meu rosto, e está no meu cabelo, e todos estão rindo. Na foto seguinte, ele rolou de cima de mim e está de quatro ao lado da cama, ainda vomitando.

⁴³ Tradução livre da autora: Emma estava pedindo por isso.

⁴⁴ Tradução livre da autora: Eu ficava dizendo que estava fingindo estar dormindo nas fotos, que tudo não passava de uma brincadeira. Eu ainda pensava que tudo aquilo iria passar.

Isso representa uma das ideias de Harding (2015, p. 1) na qual ela aponta que na cultura do estupro “[...] most victims of sexual assault and rape never report it because they hear they won't be believed-and know that even if they are believed, they're likely to be mortified and harassed, blamed and shamed, throughout a legal process that ultimately leads nowhere.”⁴⁵ Como, de fato, aconteceu com Emma. Não acreditaram na sua inocência – o que soa, no mínimo, estranho, visto que os acusados foram os homens; foi assediada nas ruas, foi vítima de trotes e alvo de inúmeras mensagens incentivando seu suicídio – e que ela tentou duas vezes. Na passagem a seguir, Harding traz um relato pessoal:

I was among the 64 percent who didn't even try reporting my rape to the police. I just can't imagine I would have gotten far if I had. I went to the hospital the next morning but declined a rape kit because all I could think, at seventeen years old, was that I didn't want my parents to find out. I'd been wearing tight clothes, drinking heavily, dancing provocatively. I kissed him, on purpose, because I wanted to. I had no evidence except my word that he raped me after that.⁴⁶ (HARDING, 2015, p. 109)

A autora, na época um ano mais nova que a personagem de O'Neill, ambas com narrativas semelhantes. As duas culpando-se pelo que ocorrera, temendo não ter como “provar” que sofreram um crime e com medo da reação dos pais. A realidade e a ficção expõem a brutalidade de uma cultura na qual a violência impera, cujas vítimas são questionadas e levadas a esconder o crime e reprimir seus traumas por receio de serem expostas e ridicularizadas. A ficção sendo um espelho de ideias, ações, comportamentos e julgamentos vivenciados diariamente por mulheres que perderam parte de si e sequer conseguiram justiça.

Ainda que tenham o amparo das legislações vigentes, as vítimas de violência sexual e estupro têm plena consciência das condições que lhes serão exigidas, quando fazem uma denúncia, quando um julgamento se processa, quando uma sentença é proferida, principalmente quando a sociedade teima em (re)afirmar a culpabilização da vítima, sob o jugo do machismo estrutural que ainda impera no cotidiano das instituições.

⁴⁵ Tradução livre da autora: Uma cultura em que a maioria das vítimas de agressão sexual e estupro nunca denuncia porque ouvem que não serão acreditadas - e sabem que, mesmo que acreditem, provavelmente serão mortificadas e assediadas, culpadas e envergonhadas, ao longo de um processo legal. processo que, em última análise, não leva a lugar algum.

⁴⁶ Tradução livre da autora: Eu estava entre os 64% que nem tentaram denunciar meu estupro à polícia. Não consigo imaginar que teria ido longe se tivesse denunciado. Fui ao hospital na manhã seguinte, mas recusei um kit de estupro porque tudo em que conseguia pensar, aos dezessete anos, era que não queria que meus pais descobrissem. Eu estava vestindo roupas apertadas, bebendo muito, dançando provocativamente. Eu o beijei, de propósito, porque eu queria. Eu não tinha nenhuma evidência, exceto minha palavra de que ele me estuprou depois disso.

4.2 “They’re good boys really. This all just got out of hand.”⁴⁷

Embora este trabalho seja focado nas violências sexuais que a mulher sofre, faz-se necessário elucidar que a dominação masculina não se restringe ao sexo: “[...] we live in a culture where men, as a group, have more power than women”⁴⁸ (HARDING, 2015, p. 43) Essa dominação é fruto de uma sociedade construída e estruturada para que o homem domine, também, a política e a economia, ampliando as ações misóginas e discriminatórias, que tentam a dominação do feminino. Enquanto a mulher é sujeitada ao lugar de submissão e percebida como objeto, o homem é colocado em um lugar de destaque, seja nos templos religiosos, em instituições de ensino, em locais de trabalho – e em todos esses âmbitos, o machismo predomina e prevalece.

Os personagens de O’Neill são representações semelhantes às formas que essa dominação se articula na sociedade: a mãe de Emma é uma típica dona de casa, tem filhos, cuida da casa e do bem-estar do marido. É chocante vê-la dar razão aos perpetradores do estupro em vez de defender a filha – tendo como exemplo o título desta subseção, passagem que ela declara que eles são “bons garotos”; o pastor da cidade é uma das pessoas que demonstram empatia e solidariedade para com os estupradores, enquanto vira as costas para Emma e sua família. “His sermon was about not judging others, and how important it is to assume that everyone is innocent until proven guilty. He didn’t use any names [...] but everyone knew who he was talking about [...]”⁴⁹ (O’NEILL, 2015, p. 292), relata a mãe de Emma. Afinal, como padre, ele é representante de uma das instituições-chaves do patriarcado.

Um outro exemplo encontra-se na relação entre os pais de Emma. O pai, Denis, após um ano da denúncia, vira-se para Nora, dizendo: “Have you seen what the papers are saying about her? How did you not know what she was up to, Nora? You’re her mother for God’s sake.”⁵⁰ (O’NEILL, 2015, p. 255) Ele questiona a conduta de Emma e coloca sobre a esposa a responsabilidade da criação da filha – mas Emma é filha de ambos, não apenas de Nora.

Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a

⁴⁷ Tradução livre da autora: Eles realmente são bons garotos. Tudo isso só ficou fora de controle. (O’NEILL, 2015, p.324)

⁴⁸ Tradução livre da autora: [...] vivemos em uma cultura onde os homens, como grupo, têm mais poder do que as mulheres.

⁴⁹ Tradução livre da autora: Seu sermão foi sobre não julgar os outros, e quão importante é assumir que todos são inocentes até que se prove o contrário. Ele não usou nenhum nome [...], mas todos sabiam de quem ele estava falando.

⁵⁰ Tradução livre da autora: Você viu o que os jornais estão dizendo sobre ela? Como você não sabia o que ela estava fazendo, Nora? Você é a mãe dela pelo amor de Deus.

mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. (BEAUVOIR, 1983, p. 97)

À mulher é atribuída a responsabilidade por educar e ser educada, e em muitos aspectos o homem segue reivindicando privilégios que o conferem lugar de certo conforto frente às violências praticadas por eles mesmos e por outros. Nesse aspecto, faz-se relevante destacar as palavras de Renata Sousa (2017) de seu trabalho *Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres*. Para ela, falar sobre a cultura do estupro

[...] não significa que, de maneira direta, todos os homens sejam estupradores, nem que todos os seres humanos sejam diretamente responsáveis pela prática do estupro, mas que, de muitas maneiras, a cultura do machismo e da misoginia contribui para a perpetuação desse tipo de violência focada, principalmente, contra a mulher. E não se trata de considerar a figura do estuprador como doente ou mero produto de uma sociedade determinista que o fez assim. Essa é uma abordagem errônea, já que classificá-lo como doente o isentaria da responsabilidade sobre seus atos, assim como quando classificado como um mero produto da sociedade. (SOUSA, 2017, p. 10-11)

Figueiredo traz algumas nomenclaturas utilizadas para classificar estupradores pelo discurso judicial, como por exemplo “o monstro”, “o criminoso desequilibrado” – esses para se referirem aos estupradores desconhecidos. Para os estupros em que a vítima e o estuprador têm algum grau de aproximação, pode ser, “o marido desesperado” (FIGUEIREDO, 2002, p. 149).

A caracterização da maior parte dos estupradores desconhecidos como “monstros” ou como mentalmente “anormais” implica que eles estão fora do grupo de homens “normais”. Essa dicotomia (homens normais x homens anormais) serve como proteção social, na medida em que indica que os estupros “verdadeiros”, sérios, são cometidos por homens moral ou psicologicamente deficientes que atacam mulheres desconhecidas e inocentes, enquanto que homens normais não se comportam dessa forma (e a sociedade não pode ser responsabilizada pelo comportamento perturbado ou sociopata de certos indivíduos). (FIGUEIREDO, 2002, 148)

Na obra em análise, os estupradores são, ao contrário de Emma, considerados as vítimas. As pessoas demonstram empatia e indignação por ver a vida dos rapazes sendo destruída por aquela que consideram ser a responsável. Para Lewis (2017, p. 17) “Society indoctrinates young girls into passivity as a fundamental part of femininity. At the same time that we compel passivity onto young girls, we blame them for not being active or reactive enough in cer-

tain situations, and it is this ideology that produces rape culture.”⁵¹ – gerando, dessa forma, uma desigualdade entre os gêneros – o que resulta em exigir que as mulheres se comportem de determinada forma ao mesmo tempo em que normalizam e estimulam o mesmo comportamento nos homens.

Lewis inquieta-se com as questões de feminilidade que contribuem para o fortalecimento da cultura do estupro, pois estas são frequentemente carregadas com a ideia de passividade. Para ela, esse é um aspecto crucial em relação à dominação masculina: “Men, for instance, are expected to assert their dominance in various aspects of their life; accordingly, women should remain passive subjects.”⁵² (LEWIS, 1017, p. 7) A fala de autora exemplifica uma expectativa de condutas distintas de ambos os sexos.

Harding (2015) traz, em seu trabalho, alguns relatos de casos de estupro. A título de exemplo o caso de uma menina de apenas 11 anos brutalmente estuprada por mais de vinte homens – e por várias vezes – no Texas, EUA (HARDING, 2015, p. 20). Entretanto, um dos argumentos levantados pelo advogado de um dos agressores é uma forma de redirecionar a culpa para a vítima:

Being on trial for rape, you see, is a random tragedy that could befall any young man, as it did Cruse [one of the Jane Doe’s rapists] and his cohort. Cruse was in his late teens at the time of the attack, his attorney reminded us, *just a kid*-unlike that eleven-year-old temptress!⁵³ (HARDING, 2015, p. 20)

Esse posicionamento remete à ideia muito viva no inconsciente das pessoas que acreditam que as meninas “amadurecem mais rápido”, por vezes levadas a acreditar em seu papel de educar e ajudar com o crescimento dos meninos. As garotas são ensinadas a acreditar que se um menino puxa seu cabelo na escola é porque, secretamente, ele tem sentimentos por ela – inserindo na vida da mulher a crença de que violência está de alguma forma relacionada ao amor romântico. É muito comum, por exemplo, chamar um homem de mais de trinta anos de “menino” – a título de exemplo, o jogador Neymar, frequentemente chamado de “menino Ney”. Enquanto isso, meninas no início da adolescência são consideradas mocinhas e, em alguns casos, são alvos de comentários, como “já está boa pra casar”, caso as suas habilidades

⁵¹ Tradução livre da autora: A sociedade doutrina as jovens na passividade como parte fundamental da feminilidade. Ao mesmo tempo em que obrigamos a passividade às meninas, as culpamos por não serem suficientemente ativas ou reativas em determinadas situações, e é essa ideologia que produz a cultura do estupro.

⁵² Tradução livre da autora: Espera-se que os homens, por exemplo, afirmem seu domínio em vários aspectos de sua vida; consequentemente, as mulheres devem permanecer sujeitos passivos.

⁵³ Tradução livre da autora: Estar em julgamento por estupro é uma tragédia aleatória que poderia acontecer a qualquer jovem, como aconteceu com Cruse [um dos estupradores de Jane Doe] e seu grupo. Cruse estava no final da adolescência na época do ataque, seu advogado nos lembrou, *apenas uma criança* – ao contrário daquela sedutora de onze anos!

com as tarefas domésticas estejam de acordo com as ideias pré-determinadas de uma sociedade machista. Ou seja: não foi estupro; ele é só um menino; ela é uma mulher – deveria saber os riscos que a cercam, se porventura sair dos trilhos.

Uma residente do local onde ocorreu o caso mencionado acima por Harding (2015) demonstra preocupação, mas não com a vítima: “‘These boys’, she said, ‘have to live with this the rest of their lives’.”⁵⁴ (HARDING, 2015, p. 21) O rapaz, que estava no final da adolescência quando estuprou a menina é “apenas uma criança”, mas a vítima de apenas onze anos foi a responsável pelo ataque que sofrera por mais de vinte homens, possivelmente, todos “apenas crianças” – segundo a lógica da sociedade submersa à um pensamento que tende a manter os privilégios do homem, ainda que tal conduta infrinja os direitos mais básicos da mulher.

As caracterizações dos personagens masculinos de O’Neill (2015) demonstram a hierarquia estabelecida na sociedade patriarcal. A fala de um homem, em um programa de TV, exterioriza sentimentos comuns de uma grande parcela da população que acompanha o caso de Emma: “I’m not a judgmental man, I’m not. But if this girl was in bed with the lad anyway, what was she expecting?”⁵⁵ (O’NEILL, 2015, p. 185) Isso confirma o que, para Sousa (2017, p. 13), é a mesma cultura que “ensina que os homens devem aproveitar toda e qualquer oportunidade de consumação sexual, e, que, muitas vezes, as mulheres que dizem não apenas o dizem porque são ensinadas a não dizer sim na primeira vez, e que cabe a eles ‘transformar’ aquele não em um sim.” O que remete à questão de comunicação e consentimento, frequentemente ignorada por agressores que utilizam do seu poder simbólico (como um grupo) e força física.

Os estupradores de Emma fogem dos conceitos que os tornariam “estupradores monstros”, segundo as ideias apresentadas por Figueiredo (2002). Eles não são desconhecidos, diagnosticados como maníacos ou apresentam-se com qualquer transtorno – tratá-los como tal seria o equivalente a diminuir a seriedade dos seus crimes.

Enquanto a vida de Emma transforma-se em uma série constante de ataques de pânico, ameaças vindas de pessoas que repudiam sua denúncia e defendem seus agressores – ela acompanha, em seu sofrimento solitário, todos da cidade afastarem-se de sua família. Por outro lado, os homens que a estupraram são alvo de empatia e apoio. Para essas pessoas, não houve estupro – houve apenas a prova de que Emma estava, há muito tempo, pedindo pra que

⁵⁴ Tradução livre da autora: ‘Esses meninos’, ela disse, ‘têm que viver com isso o resto de suas vidas’.

⁵⁵ Tradução livre da autora: Ah, aqui, é simples assim, Ned, não sou um homem crítico, não sou. Mas, de qualquer forma, se essa garota estava na cama com o rapaz, o que ela estava esperando?

isso acontecesse. Harding (2015, p. 1) diz que a cultura do estupro é “A culture in which a young woman’s supposed friends will videotape her being violated and then use it as evidence that she’s a ‘slut.’”⁵⁶ E assim o fizeram. E assim todos acreditaram em sua inocência.

Percebe-se a dominação masculina como um fator crítico na fortificação e perpetuação da cultura do estupro. Para Sousa (2017, p. 19), “Somente com a desconstrução de padrões que justificam qualquer tipo de dominação masculina que a cultura do estupro tenderá à inanição ou a ser deliberadamente aniquilada.” Mas isso requer que as pessoas reflitam e repensem seus direitos, deveres e privilégios. Os homens estão há séculos no poder, oprimindo e negando direitos às mulheres. Elas, por sua vez, vêm sendo submetidas à discriminações e violências. Ambos os sexos inseridos na mesma sociedade, com perspectivas distintas, porém, no geral, aprendendo e disseminando o mesmo sistema de crenças que os mantém nos mesmos lugares.

4.3 “I brought him in here. This was my idea.”⁵⁷

A cultura do estupro afeta suas vítimas de dentro para fora. Ela destrói sua autoestima, traz à tona tantas outras situações corriqueiras que podem ter passado despercebidas, inclusive com outras mulheres de seu convívio. Ela é articulada de tal forma que faz com que as vítimas sintam vergonha por algo que sequer é sua culpa. Faz com que suas vítimas tenham medo de se posicionarem e procurarem por ajuda, seja na justiça, ou até mesmo por alguém próximo, por medo de ser julgada. Por medo de não ter sido uma mulher “boa” o suficiente para evitar essa situação.

A doutora e docente Débora de Carvalho Figueiredo, em *Vítimas e vilãs, “monstros” e “desesperados”*. Como o discurso judicial representa os participantes de um crime de estupro (2002), analisa e descreve como discursos jurídicos têm um peso significativo no tratamento das vítimas de estupro, assim como os estupradores. Esses discursos reforçam uma expressiva falta de empatia pelas vítimas e as colocam em uma posição de responsáveis e culpadas pelas agressões cometidas contra elas. Além disso, também influenciam na forma como as pessoas veem e reagem a este crime a partir de um julgamento do comportamento dessas mulheres.

⁵⁶ Tradução livre da autora: Uma cultura na qual os supostos amigos de uma jovem vão filmar ela sendo violada e depois usar isso como prova de que ela é uma 'vadia'.

⁵⁷ Tradução livre da autora: Eu o trouxe aqui. Foi ideia minha. (O'NEILL, 2015, p. 106) Narração de Emma durante o estupro.

Na obra de O’Neill (2015), a protagonista Emma, para além do estupro do qual é vítima, também sente na pele as violências simbólicas que esses discursos causam, do momento que o crime acontece até o momento que ele passa a ser de conhecimento público e, em seguida, levado às autoridades. O título desta subseção, por exemplo, é um pensamento de Emma, narrado por ela no momento do estupro, e se aplica acertadamente ao conteúdo referente à culpabilização da vítima, uma vez que essa culpa vem, primeiramente, da vítima para com ela mesma. Para Saffioti em *Gênero, Patriarcado e Violência* (2004, p. 23) “As mulheres são treinadas para sentir culpa. Ainda que não haja razões aparentes para se culpabilizarem, culpabilizam-se, pois vivem numa civilização da culpa.”

Figueiredo (2002, p. 140) investigou casos judiciais britânicos entre 1986 a 1997, e apontou, a partir da análise desses documentos, que:

[...] a ideologia judicial representa a ofendida de duas formas: ou como uma vítima genuína de estupro, ou como uma vítima não-genuína (ou não prototípica). A atribuição de um destes dois papéis depende da presença ou ausência de uma série de fatores relacionados a mulher em si, a seu agressor, e à forma como ela reagiu à agressão. (FIGUEIREDO, 2002, p. 140)

Para ela, “estas características estão diretamente ligadas a mitos presentes em nossa sociedade sobre o comportamento feminino.” (FIGUEIREDO, 2002, p. 140) E isso está estritamente ligado aos papéis ditados pela sociedade sobre como a mulher deve se vestir, se comportar, o que deve ou não beber, o quanto e onde deve beber, lugares que deve ou não frequentar, etc. Todos esses aspectos são levados em conta em um caso de estupro, visto que o histórico da mulher é usado para distinguir se ela é uma vítima “verdadeira”.

Do ponto de vista judicial, o estupro “padrão” é aquele onde o agressor é um estranho, a vítima está dominada fisicamente e não “contribuiu” para o ataque, e a relação sexual é completa. Se a vítima de estupro conseguir se caracterizar, durante o julgamento, como livre de culpa, sexualmente não disponível ao agressor, e desconhecida para o mesmo, ela provavelmente será tratada como vítima “genuína” e receberá a simpatia e a proteção da corte. Virgens, moças muito jovens, senhoras idosas, mulheres que opuseram resistência física, e mulheres que perdoaram a agressão sofrida dos parceiros, têm chances muito maiores de serem retratadas como “verdadeiras” vítimas. (FIGUEIREDO, 2002, p. 140-141)

Entretanto, Emma foge das qualificações para ser considerada uma “vítima genuína”, pois os estupradores são conhecidos, ela fez uso de bebidas alcoólicas e outras drogas, além de ter, inicialmente, demonstrado interesse por um dos homens. Em virtude desse cenário, ela foi desacreditada, humilhada, criticada e ridicularizada a todo momento, inclusive por amigos e familiares. “Mulheres que se relacionaram anteriormente com o agressor, ou mulheres com

um passado sexual ‘notório’, são vistas como tendo perdido o status de ‘vítimas’; este tipo de ofendida é geralmente vista como uma mulher que ‘saiu da linha’ e provocou o ataque sofrido (ou até mesmo o forjou).” (FIGUEIREDO, 2002, p. 143-144) E é dessa forma que todos a veem – como uma menina que não soube se comportar e que, por conta disso, sofreu as consequências por ser insubmissa, desobediente e “oferecida”.

Kate Harding, por sua vez, elucida que o padrão de vida da vítima e a conduta mantida por ela são pontos relevantes para “classificar” um estupro.

What matters is that she displayed a clear pattern, in both her everyday behavior and her reaction to a man overpowering her, of not wanting sex. [...] Because once your vagina is open for business, it's not like having a penis in there is anything new or shocking! If he didn't beat you or hold you at a knifepoint, if he didn't kidnap you or steal anything, and if your hymen was already broken, what is "rape", really, but a few minutes of unpleasantness? Surely, you can't send a man to prison for that.⁵⁸ (HARDING, 2015, p. 12)

Na citação acima, Harding enfatiza a violação normalizada nos casos em que a mulher não é estuprada por um “monstro”, termo utilizado por Figueiredo (2002) – ou seja, a culpa é colocada sobre a vítima caso ela não tente “se defender”, ainda que tal ato custe sua própria vida. Se a vítima não for virgem pode ser ainda mais custoso provar a veracidade da sua denúncia, o que reforça a desigualdade discrepante entre ambos os sexos. Para complementar:

[...] the guy made an honest mistake, and the woman failed to protect herself, as usual. It all fits so neatly with our cherished, practically religious beliefs about male-female interaction. Men, we tell ourselves, are bumbling, sex-obsessed fools who can barely speak their own native languages when they come within ten feet of a pretty lady. Women, meanwhile, are weak-willed, incapable of saying what they mean, and utterly unreasonable to expect respect from people with boners, So of course men get carried away, and women fail to successfully shut it down!⁵⁹ (HARDING, 2015, p. 14)

O estupro contra Emma não é o único a ser abordado na obra de O’Neill. A autora também menciona o que acontece com Jamie, uma das amigas de Emma. A protagonista narra uma conversa onde ela confessou ter sido estuprada por Dylan, um dos homens envolvidos no

⁵⁸ Tradução livre da autora: O que importa é que ela exibiu um padrão claro, tanto em seu comportamento cotidiano quanto em sua reação à um homem que a dominava, de não querer sexo. [...] Porque uma vez que sua vagina está aberta para o negócio, não é como ter um pênis ali é algo novo ou chocante! Se ele não te bateu ou te segurou com uma faca, se ele não te sequestrou ou roubou nada, e se seu hímen já estava rompido, o que é ‘estupro’, realmente, senão alguns minutos de desagradado? Certamente, você não pode mandar um homem para a prisão por isso.

⁵⁹ Tradução livre da autora: [...] o cara cometeu um erro honesto, e a mulher não conseguiu se proteger, como sempre. Tudo se encaixa perfeitamente com nossas crenças praticamente religiosas sobre a interação homem-mulher. Os homens, dizemos a nós mesmos, são tolos desajeitados e obcecados por sexo que mal falam suas próprias línguas nativas quando chegam a três metros de uma bela dama. As mulheres, por sua vez, são fracas de vontade, incapazes de dizer o que querem dizer e totalmente irracionais para esperar respeito de pessoas com tesão. Então, é claro que os homens se empolgam e as mulheres não conseguem parar com sucesso!

estupro cometido contra a ela. Na época, Emma questionou se havia sido estupro pelo fato de a amiga não ter dito “não” para as investidas de Dylan:

It’s happened to loads of people. It happens all the time. You wake up the next morning, and you regret it or you don’t remember what happened exactly, but it’s easier not to make a fuss—
But that’s not how it happened [...]
But I wasn’t there with you, was I? How do I know what really—
But I told you I didn’t want... I didn’t want to.
You didn’t say no. [...] You told me you didn’t say no
But— [...] I didn’t say yes either.⁶⁰ (O’NEILL, 2015, p. 92)

Para Figueiredo, em seu trabalho intitulado *Discurso, gênero e violência: uma análise de representações públicas do crime de estupro* (2014, p. 144), “A normalização e banalização de fenômenos sociais violentos como o estupro levam inúmeras mulheres a encarar a violência sofrida como algo sem importância ou ocorrido por sua própria culpa, e a acreditar que não devem fazer ‘tempestade em copo d’água.’” Isso se aplica tanto para a situação de Jamie, na qual Emma aconselha a não falar sobre isso, quanto para o que acontece a ela, não muito tempo depois, ocasionando à omissão em seu primeiro depoimento sobre o que de fato lhe aconteceu. Em uma passagem, Emma releva: “I wish I could tell Jamie that I did her a favour. I wish I could explain to her that she is the lucky one. If I could go back, pretend like nothing had happened, I would.”⁶¹ (O’NEILL, 2015, p. 250)

Na noite em que sofrera o estupro, Emma narra o diálogo a seguir.

Paul, maybe we should go back to the party
Don’t be silly” (I brought him in here. This was my idea.)
Don’t be a fucking cock-tease.⁶² (O’NEILL, 2015, p. 107)

Faz-se relevante destacar o pensamento de Emma na passagem entre parênteses acima, com o intuito de chamar a atenção do leitor para a culpa que já está instaurada na vítima. Por ter sido sua ideia levar Paul para o quarto, ela se sente compelida a permanecer na situação,

⁶⁰ Tradução livre: da autora: 'Já aconteceu com muitas pessoas. Isso acontece o tempo todo. Você acorda na manhã seguinte, e você se arrepende ou não se lembra do que aconteceu exatamente, mas é mais fácil não se preocupar...'

'Mas não foi assim que aconteceu [...]'

'Mas eu não estava lá com você, eu estava? Como eu vou saber o que realmente-?' 'Mas eu te disse que não queria ... não queria.'

'Você não disse não. [...] Você me disse que não disse não.'

'Mas- [...] eu também não disse sim.'

⁶¹ Tradução livre da autora: Eu queria poder dizer a Jamie que fiz um favor a ela. Eu queria poder explicar a ela que ela é a sortuda. Se eu pudesse voltar, fingir que nada tinha acontecido, eu voltaria.

⁶² Tradução livre da autora: Paul, talvez devêssemos voltar para a festa

Não seja boba (eu o trouxe aqui. Foi ideia minha.)

Não seja a porra de uma provocadora.

mesmo sem querer. Entretanto, ao sugerir que os dois devessem voltar para a festa, era esperável que Paul entendesse que ela não queria continuar. Para ilustrar, segue um fragmento do trabalho de Harding:

Do the following responses mean yes or no?

1. I'd love to, but I already have plans.
2. Sweet of you to offer, but I'm afraid I won't be able to make it.
3. Oh geez, maybe another time?
4. I so wish I could.⁶³ (HARDING, 2015, p. 14)

Harding esclarece, didaticamente, no fragmento acima, versões variadas de “não”. De maneira alguma é preciso haver um ‘não’ explícito – isso quando ele é compreendido como uma recusa. Consentimento deveria ser uma língua na qual ambos os sexos fossem fluentes, mas não é apenas “falta de comunicação”. Isso acontece, muitas vezes, porque o agressor quer que sua vontade e desejos prevaleçam, ainda que para isso precise ultrapassar os limites da mulher e até mesmo violentá-la sexualmente. Sobre consentimento, Harding (2015) esclarece:

The rules we're taught are simple: Consent can be conveyed effectively by moans, gestures, movements, eye contact, and facial expressions. If things are going well, expecting people to verbalize that they want the sex to continue is absurd! Conveying a lack of consent, however, must involve desperate hollering, a good faith attempt at martial arts, and preferably video documentation of same. Expecting people to understand more subtle messages that someone wants the sex to stop - such as 'I'm not feeling it tonight' or 'I really need to get to sleep' or 'Please stop' - is asking too much. What, is the guy supposed to be a mind reader?⁶⁴ (HARDING, 2015, 17-18)

Outro ponto levantado por Harding – a responsabilidade de outras mulheres que contribuem com a culpabilização da vítima. Conforme a autora, “[...] women call each other 'sluts' and 'whores', doubt each other's stories, and help perpetuate the myth that if we always

⁶³ Tradução livre da autora: As seguintes respostas significam sim ou não?

1. Eu adoraria, mas já tenho planos.
2. Doce de sua parte, mas temo que não serei capaz de fazê-lo.
3. Oh, caramba, talvez outra hora?
4. Eu gostaria tanto de poder.

⁶⁴ Tradução livre da autora: As regras que aprendemos são simples: o consentimento pode ser transmitido de forma eficaz por gemidos, gestos, movimentos, contato visual e expressões faciais. Se as coisas estão indo bem, esperar que as pessoas verbalizem que querem que o sexo continue é um absurdo! Transmitir a falta de consentimento, no entanto, deve envolver gritos desesperados, uma tentativa de boa fé nas artes marciais e, de preferência, documentação em vídeo das mesmas. Esperar que as pessoas entendam mensagens mais sutis de que alguém quer que o sexo pare - como 'Não estou com vontade hoje à noite' ou 'Eu realmente preciso dormir' ou 'Por favor, pare' - é pedir demais. O que, o cara deveria ser um leitor de mentes?

dress modestly, drink responsibly, and avoid dark alleys and dangerous-looking men, we'll be affectively rape-proofed. We are part of the problem.”⁶⁵ (HARDING, 2017, p. 6)

O argumento da autora citado acima dialoga precisamente com as personagens de O’Neill, como por exemplo Jamie ao ver Emma na festa: “She should take it easy. She should know what happens when you drink too much.”⁶⁶ (O’NEILL, 2015, p.70); uma menina da mesma escola que fala a respeito do estupro sem saber que Emma está ouvindo: “No one forced the drink down her throat, or made her take shit. And what guy was going to say no if it was handed to him on a plate? She laughs. She was fucking asking for it.”⁶⁷ (O’NEILL, 2015, p. 154)

Além de sofrer com a violência física no dia do estupro, Emma foi sujeitada a passar por humilhações e ver a sua vida ser discutida por completos estranhos. Pessoas na TV e em programas de rádio levantando questões sobre o seu passado, expondo a sua vida, debatendo e julgando o seu comportamento antes, durante e depois da noite em que foi violentada. Ela assistiu sozinha o mundo virar-se contra ela e voltar-se para os homens responsáveis por todo aquele cenário pavoroso e angustiante com empatia, bondade e compreensão – tudo que deveria ser direcionado a ela. Algumas dessas agressões vieram de outras mulheres, como já foi mencionado anteriormente através de alguns exemplos. Segue abaixo mais uma ilustração, dessa vez por uma escritora:

[...] You can spout all the nonsense you like about equal rights, but the truth is – women have to take responsibility for themselves and their own safety. If they are going to insist on wearing such revealing clothes, if they are going to insist on getting so drunk that they can barely stand, then they must be prepared to bear the consequences. [...] And yet she [Emma] is asking us to place the blame upon four young men. These youngsters have continued to protest their innocence and I believe them. [...] I have watched as their lives have fallen apart, I have watched the effect this heinous accusation has had on their families [...]”⁶⁸ (O’NEILL, 2015, p. 267)

⁶⁵ Tradução livre da autora: [...] mulheres chamam umas às outras de 'vadias' e 'putas', duvidam das histórias umas das outras e ajudam a perpetuar o mito de que se sempre nos vestirmos com modéstia, bebermos com responsabilidade e evitarmos becos escuros e homens de aparência perigosa, ser afetivamente à prova de estupro. Somos parte do problema.

⁶⁶ Tradução livre da autora: Ela deveria ir com calma. Ela deveria saber o que acontece quando você bebe demais.

⁶⁷ Tradução livre da autora: ‘Ninguém a forçou a beber, ou a usar drogas. E que cara iria dizer não se fosse entregue a ele em um prato?’ Ela ri. ‘Ela estava pedindo por isso.’

⁶⁸ Tradução livre da autora: Você pode falar todas as bobagens que você quiser sobre direitos iguais, mas a verdade é que – as mulheres têm que assumir a responsabilidade por elas mesmas e por sua própria segurança. Se elas vão insistir em usar roupas tão reveladoras, se elas vão insistir em ficar tão bêbadas que mal podem ficar de pé, então elas devem estar preparadas para lidar com as consequências. [...] E, ainda assim, ela [Emma] nos pede que culpemos quatro homens jovens. Esses jovens continuam a protestar sua inocência e eu acredito neles. [...] Eu tenho observado como suas vidas tem desmoronado, eu tenho assistido o efeito que essa acusação hedionda tem tido em suas famílias."

Além disso, Emma acompanhou os comentários de notícias sobre o “caso de Ballinacoom”⁶⁹: “She went into that room”, “She drank too much”, “She took drugs”, “Boys will be boys”⁷⁰ (O’NEILL, 2015, p. 206) Foram violências seguidas desde o momento da denúncia.

É preocupante o fato de muitas pessoas acreditarem que Emma mereceu ter sido estuprada, que foi sua culpa o que lhe aconteceu. Seja por ter ingerido bebida alcoólica e outras drogas ilícitas, por ter usado roupas curtas, por ter isso ter acontecido em uma festa – sejam lá quais forem os motivos que façam alguém achar cabível um cenário de estupro. Para Harding,

No matter how much we as a culture claim to despise rape and rapists, we just can't seem to shake the feeling that certain types of people, who engage in certain types of behavior, deserve on some level to be assaulted. For that, we have rape myths to thank. [...] they consistently follow a pattern whereby, they 'blame the victim for their rape, express a disbelief in claims of rape, exonerate the perpetrator, and allude that only certain types of women are raped'.⁷¹ (HARDING, 2015, p. 22)

Ela traz os seguintes mitos da cultura do estupro que são frequentemente utilizados para reforçar a culpabilização da vítima.

1. She asked for it.
2. It wasn't really rape.
3. He didn't mean to.
4. She wanted it.
5. She lied.
6. Rape is a trivial event.
7. Rape is a deviant event.⁷² (HARDING, 2015, p. 22)

Todos os mitos citados acima são utilizados contra Emma.

Passou-se um ano até que a promotoria decidiu processar os estupradores. Quando questionado sobre a demora para dar sequência ao caso, o procurador diz: “Nora, I know it seems that way, but a year isn't that long I assure you. Not in a case this complicated. And of

⁶⁹ Nome utilizado para se referir ao estupro cometido contra Emma, principalmente pelos programas de TV e rádio.

⁷⁰ Tradução livre da autora: Ela entrou no quarto; Ela bebeu muito; Ela usou drogas; Garotos são garotos.

⁷¹ Tradução literal da autora: Não importa o quanto nós, como cultura, afirmemos desprezar o estupro e os estupradores, simplesmente não conseguimos afastar a sensação de que certos tipos de pessoas, que se envolvem em certos tipos de comportamento, merecem em algum nível ser agredidas. Por isso, temos que agradecer aos mitos do estupro. [...] eles seguem consistentemente um padrão pelo qual 'culpam a vítima pelo estupro, expressam descrença nas alegações de estupro, exoneram o perpetrador e aludem que apenas certos tipos de mulheres são estupradas'.

⁷² Tradução livre da autora:

1. Ela pediu.
2. Não foi realmente estupro.
3. Ele não queria.
4. Ela queria.
5. Ela mentiu.
6. O estupro é um evento trivial.
7. O estupro é um evento desviante.

course, there was some difficulty in getting all the evidence together.”⁷³ (O’NEILL, 2015, p. 226) Um ano de espera, depois de ler tantos comentários depreciativos, de tentativas de suicídio – acarretadas por culpa, solidão, tristeza, medo, entre tantos outros sentimentos – depois de ver seu mundo dar mil voltas por segundo. Emma ouviu que foi difícil juntar as evidências. O país todo viu as fotos dela – nua, desacordada, com homens nus ao seu redor, sorrindo, fazendo gestos obscenos. São 4 homens e uma menina de 18 anos. Mas as autoridades tiveram dificuldade em reunir as provas. De acordo com Harding:

As soon as someone says, ‘I was raped’, we cannot say, ‘There is no evidence that it happened.’ Regardless of whether investigators are able to corroborate the story, prosecutors are able to present a compelling case, or a jury agrees that the defendant is guilty, there *is* evidence, just as soon as a victim dares to tell someone what happened.⁷⁴ (HARDING, 2015, p. 123)

Existe um silêncio vindo das vítimas, muitas vezes oriundo do imaginário da boa mulher/prostituta no qual são submersas e em que, inconscientemente, acreditam. Elas têm medo de denunciar os seus agressores e serem apontadas como prostitutas – Evas –, de serem desacreditadas e constrangidas pelas autoridades, cujo auxílio deveria ser de promover a segurança e justiça. No caso de Emma, até o direito do silenciamento lhe foi negado, visto que fotografias do crime foram publicamente postadas na internet e sua vida e todo seu sofrimento foram lançados à sua revelia, assim como os casos citados acima trazidos por Harding (2015). Os personagens de O’Neill (2015) e todo o enredo de seu romance são representações dessa sociedade.

No meio do burburinho que se forma quando uma denúncia de estupro ganha as mídias, há muita violência, seja nas acusações, seja nas omissões. Há silêncios que são devastadores e que se formam na omissão das pessoas responsáveis por fazer justiça, na ausência de apoio das famílias, religiões, instituições educativas. No geral, toda a estrutura social está montada para calar a vítima, para fazê-la não incomodar, para cooptá-la a carregar sua dor envergonhada, curvada, silenciada. Há muitas batalhas travadas no âmbito discursivo e dessas a literatura não deseja se furtar.

⁷³ Tradução livre da autora: Nora, eu sei que parece que sim, mas um ano não é tanto assim, eu te garanto. Não em um caso tão complicado. E, claro, houve um pouco de dificuldade em reunir todas as provas.

⁷⁴ Tradução livre da autora: Assim que alguém diz: ‘Fui estuprada’, não podemos dizer: ‘Não há evidências de que isso tenha acontecido.’ Independentemente de os investigadores serem capazes de corroborar a história, os promotores serem capazes de apresentar um caso convincente, ou um júri concordar que o réu é culpado, *há* evidência assim que a vítima se atreve a contar a alguém o que aconteceu.

4.4 “She has no face. She’s just a body, a life-size doll to play with. She’s an it.”⁷⁵

Louise O’Neill, ao descrever a protagonista, traz aspectos pertinentes para serem discutidos, como por exemplo a percepção de Emma e dos outros personagens sobre a sua beleza física. A imagem de beleza é manipulada e empregada contra a mulher, lançando sobre ela mais um fardo. Emma preocupa-se demasiadamente com a sua aparência, julgando-se a todo momento ser mais bonita do que as suas amigas: “I’m definitely the prettiest out of the four of us.”⁷⁶ (O’NEILL, 2015, p. 55) E mais à frente, ela questiona se o estupro que sofrera foi também, de alguma forma, motivado por sua beleza: “When he tells me I’m beautiful, it feels as if he’s saying that this is my fault, that if I didn’t look the way I did then this wouldn’t have happened to me.”⁷⁷ (O’NEILL, 2015, p. 217)

A beleza física de uma mulher é utilizada como uma forma de culpabilizá-la por agressões, mas ao mesmo tempo é valorizada para favorecer o homem, seja para atraí-lo ou para “mantê-lo”. A autora focaliza nesse tópico à medida em que faz um contraste entre antes e depois do crime. A princípio, Emma percebe sua beleza como algo que a mantém em um pedestal, sempre a melhor e a mais bonita: “I am beautiful. I mouth the words at my reflection. That is something Ali’s Money can’t buy.”⁷⁸ (O’NEILL, 2015, p. 41) A padronização da beleza faz-se de tal modo que muitas mulheres se sentem feias e inadequadas.

O encanto vindo da aparência física da jovem é inegável, também visível para os homens da cidade. Emma relata que: “Boys are always telling me I’m beautiful, their eyes roaming around my body hungrily, as if looking for a place to plant a flag”⁷⁹ (O’NEILL, 2015, p. 175) Porém, nessa passagem, além de ser notório que sua beleza é reconhecida e admirada por eles, as palavras que Emma utilizou para descrever os olhares alheios sobre o seu corpo são precisos. Ao dizer “as if looking for a place to plant a flag” ela constata, ainda que possivelmente sem intenção, que seu corpo para eles é apenas um objeto e que esses garotos querem reivindicar sua posse.

A questão da beleza não é evidenciada apenas a partir das falas de Emma e dos comentários dos garotos à sua volta – a mãe de Emma reforça, constantemente, os atributos físi-

⁷⁵ Tradução livre da autora: Ela não tem rosto. Ela é apenas um corpo, uma boneca de tamanho natural para brincar. Ela é uma coisa. (O’NEILL, 2015, p. 146)

⁷⁶ Tradução livre da autora: Eu definitivamente sou a mais bonita de nós quatro.

⁷⁷ Tradução livre da autora: Quando ele me diz que sou linda, parece que está dizendo que a culpa é minha, que se eu não tivesse a aparência que tinha, isso não teria acontecido comigo.

⁷⁸ Tradução livre da autora: Eu sou bonita. Eu murmuro as palavras para o meu reflexo. Isso é algo que o dinheiro de Ali não pode comprar.

⁷⁹ Tradução livre da autora: Os meninos estão sempre me dizendo que eu sou bonita, seus olhos vagando pelo meu corpo avidamente, como se procurassem um lugar para colocar uma bandeira e reivindicar sua posse.

cos da filha. O’Neill apresenta essa problematização logo nas primeiras páginas do romance: “She turns at the door to look at me, her gaze working up my body, lingering on my face. And I know exactly what she is going to say to me. ‘You look beautiful this morning, Emmie. As always.’”⁸⁰ (O’NEILL, 2015, p. 6) Um outro exemplo, para reforçar a preocupação exacerbada de Nora para com os cuidados com a pele de sua filha – cuidados voltados para preservar a sua beleza – aparece no momento em que sua mãe a encontra na varanda, na manhã seguinte ao crime: “She’s burning up. Look at those blisters [...] Her skin will be ruined”⁸¹ (O’NEILL, 2015, p. 116)

A beleza da mulher também é destacada por outros personagens, incluindo as mães de outras garotas. A título de exemplo, o diálogo entre a mãe da protagonista e a mãe de outra personagem:

‘I know all you young girls are watching your figures, although *thankfully* I don’t have that problem with my Caroline, she has always been as thin as a whippet [...] ‘Oh, Emma has never had any problems with her weight, [...] She’s naturally slim, like the rest of us, thank God.’⁸² (O’NEILL, 2015, p. 123)

Entretanto, como mencionado anteriormente, as caracterizações sobre a beleza física de Emma mudam significativamente após a noite do estupro. Emma passa a ver seu corpo da forma como é descrito nos comentários das fotos que foram postadas. “as if looking for a place to plant a flag” – eles plantaram a bandeira em seu corpo e reivindicaram sua posse como se, de fato, fosse propriedade sua: “My body is not my own any more. They have stamped their names all over it. Easy Emma.”⁸³ (O’NEILL, 2015, p. 161) E ao fazer isso, eles violaram sua integridade física e moral, deixaram marcas profundas e irreparáveis.

A força das tradições socioculturais constrói-se e justifica-se a partir do princípio do privilégio masculino sobre a mulher. É muito comum afirmações como “ela é pra casar” para se referir a uma mulher considerada ser adequada para o matrimônio, para o lar e filhos. Em contrapartida, utilizam termos depreciativos para descrever a mulher que foge desse padrão ditado pela sociedade. Esse contraste remete à ideia de Eva e Maria, ambas mulheres, porém com caracterizações fortes e completamente distintas. Maria, a mulher santa e ideal – a mu-

⁸⁰ Tradução livre da autora: Ela se vira na porta para olhar para mim, seu olhar percorre meu corpo, demorando-se no meu rosto. E eu sei exatamente o que ela vai me dizer. Você está linda esta manhã, Emmie. Como sempre.’

⁸¹ Tradução livre da autora: Ela está queimando. Olha essas bolhas [...] A pele dela vai ficar arruinada

⁸² Tradução livre da autora: ‘Eu sei que todas as meninas estão cuidando de suas imagens, embora, felizmente, eu não tenha esse problema com minha Caroline, ela sempre foi magra como um cão de corrida [...] ‘Ah, Emma nunca teve problemas com seu peso, [...] Ela é naturalmente magra, como o resto de nós, graças a Deus.’

⁸³ Tradução livre da autora: Meu corpo não é mais meu. Eles estamparam seus nomes por toda parte. Emma Fácil.

lher para casar; Eva, em contrapartida, a mulher culpada por induzir Adão ao pecado. Sendo assim, as mulheres que se assemelham a Eva não são dignas do mesmo tratamento. Em uma passagem do romance, Emma pensa nas possíveis perguntas que podem ser direcionadas a ela durante o julgamento: “I am Eve. I am the snake in the garden of Eden. I am temptation. *Would you say you were promiscuous? Would you say that you slept around? Would you say you are a slut and a whore? Mother Mary, blessed virgin. O Mary, conceived without sin.*”⁸⁴ (O’NEILL, 2015, 318)

A autora apresenta uma sociedade obcecada com aparências. Sendo assim, Emma, por fazer parte dessa sociedade, sofre com a pressão que é posta sobre mulheres para terem determinada imagem, uma que se adequa à categoria de ‘Marias’. As garotas são caracterizadas como fúteis – que buscam a beleza física para atrair os garotos: “atos e pensamentos do homem são universalizados como verdadeiros, enquanto os da perspectiva da mulher são vistos como fúteis e secundários, de modo que ela permanece como ‘outra’, a sombra, a escrava.” (INKPIN, 2019, p. 50-51) O’Neill também aponta como elas veem outras meninas como rivais.

Entretanto, quando os avanços desses garotos vão além do que elas estão confortáveis, elas passam a ser aquelas que apenas gostam de provocar⁸⁵. A título de exemplo, uma afirmação de Dylan, homem que estupra Jamie e participou do estupro contra Emma: “Girls are all the same. Get wasted and get a bit slutty, then in the morning try and pretend it never happened because you regret it.”⁸⁶ (O’NEILL, 2015, p. 30)

As mulheres na obra de O’Neill não passam de objetos decorativos, entretanto, carregam o fardo de serem as únicas responsáveis – culpadas – pela vida sexual que decidiram ter e/ou acabaram tendo. É esperado que elas sejam “princesas”, “inocentes”; são desencorajadas e criticadas por comportamentos que ultrapassam as barreiras de normas sociais impostas. No entanto, Sousa (2017, p. 13) aponta que há uma “repressão sexual sofrida pela mulher, em contraposição ao incentivo sexual recebido pelos homens.”, ou seja, para os homens, tais normas não são apenas inexistentes, como também é esperado que eles se sintam livres para ter total controle sobre suas vidas sexuais, mesmo que para isso eles ultrapassem os limites em seus avanços para com uma mulher.

⁸⁴ Tradução livre da autora: Eu sou Eva. Eu sou a cobra no jardim do Éden. Eu sou tentação. *Você diria que é promíscua? Você diria que transava com muitas pessoas? Você diria que é uma puta? Mãe Maria, virgem abençoada. Ó Maria, concebida sem pecado.*

⁸⁵ “Cock-teasers”, em inglês.

⁸⁶ Tradução livre da autora: Meninas são todas iguais. Ficam bêbadas, ficam um pouco safadas, então de manhã tentam fingir que isso nunca aconteceu porque se arrependem.

I see these girls walking around town here on a Saturday night, half naked, I tell you— Skirts up to their backsides, and tops cut down to their belly buttons, and they're all drinking too much and falling over in the streets, they're practically asking to be attacked, and then when it happens, they start bawling crying over it. As your other man said, what do they expect?⁸⁷ (O'NEILL, 2015, p. 185-186)

Tais questionamentos não são feitos sobre os homens. Essas críticas e julgamentos tem apenas um endereço, e é pra lá que a conta também é enviada. Quem vive nesse endereço paga o preço por querer praticar a sua liberdade e não ficar presa em limitações determinadas por terceiros, assim como também paga o preço por quem decide invadir o seu espaço e abusar do seu corpo como se fosse um objeto público. Para Sousa (2017, p. 14) “Dadas as condições e heranças socioculturais, em ambos os casos, a mulher é estereotipada e reprimida em sua sexualidade, seja quando vista como objeto sexual, seja quando é vista como casta.” Assim dizendo, as imposições e cobranças no que diz respeito às mulheres são rigorosas, e o pouco de liberdade que lhe cabem deve ser usada com cautela para que não saiam dos trilhos.

Kate Harding (2015, p. 12), precisamente, diz: “Não é sobre sexo; é sobre poder.” E os personagens masculinos de O'Neill são uma representação compatível com essa realidade, pois eles não apenas estupraram Emma – eles viram uma oportunidade de fazer mais do que isso – e assim o fizeram. Nos excertos abaixo, é notório que, para eles, o corpo de Emma é apenas um objeto que eles podem usar:

Another photo. Dylan is standing above her, his dick in his hands, a thin yellow stream flowing from him on to her head. Someone has commented under the photo: ‘Some people deserve to get pissed on.’ Five people have liked it. Six. No, ten, twelve, fifteen. Twenty. Twenty-five.⁸⁸ (O'NEILL, 2015, p. 148-149)

I stand naked in front of the full-length mirror on the wall beside the shower. The front of my body is so burnt it's almost purple, bubbles of blisters forming around my hairline and my hands. I peer closer at the mirror. Beneath the sunburn, there's shadowing, bruises blossoming around my neck and hips. I sit on the toilet, wincing as I pee. It still stings, maybe even worse today than it did yesterday. When I'm finished, I angle my lower body closer to the mirror, ducking down to stare at the reflection. It's chafed, red raw, the same pattern of bruising dotted on my inner thighs.⁸⁹ (O'NEILL, 2015, p. 143-144)

⁸⁷ Tradução livre da autora: Eu vejo essas garotas andando pela cidade aqui no sábado à noite, seminuas, eu te digo... Saias até o bumbum e tops cortados até o umbigo, e elas estão bebendo demais e caindo nas ruas, elas estão praticamente pedindo para serem agredidas, e quando isso acontece, elas começam a chorar por isso. Como o homem disse anteriormente, o que elas esperam?

⁸⁸ Tradução livre da autora: Outra foto. Dylan está de pé acima dela, seu pau em suas mãos, uma corrente fina e amarela fluindo dele na cabeça dela. Alguém comentou embaixo da foto: ‘Algumas pessoas merecem ser mijadas.’ Cinco pessoas curtiram. Seis. Não, dez, doze, quinze. Vinte. Vinte e cinco.

⁸⁹ Tradução livre da autora: Fico nua na frente do espelho de corpo inteiro na parede ao lado do chuveiro. A frente do meu corpo está tão queimada que é está quase roxa, bolhas de bolhas se formando ao redor do meu cabelo e minhas mãos. Olho mais de perto no espelho. Sob a queimadura de sol, há sombras, hematomas florescendo ao redor do meu pescoço e quadris. Sento-me no vaso sanitário, estremeando enquanto faço xixi. Ainda dói, talvez ainda pior hoje do que ontem. Quando termi-

Além da violência física que sofrera, Emma foi submetida a uma sequência de humilhações públicas. Na passagem abaixo é possível ter uma percepção do quanto as mensagens e comentários depreciativos, violentos e obscenos impactaram na sua saúde mental e contribuíram para que Emma mudasse a visão de seu próprio corpo.

She heats some oil in a frying pan on the hob and throws in a couple of salmon fillets. The smell is strong. Nauseating. (*Bet it smelled fishy!!!!!!!!!!*) one of the comments on Facebook said. *I am an It. I am an It. I am an It.* Seventy-six people liked the comment. I made my mother go out the next day and buy vaginal cleanser in the chemist. I used it again and again and again. I wanted to be clean. I wanted to smell of nothing.)⁹⁰ (O'NEILL, 2015, p. 235)

O fragmento acima é apenas um exemplo de como coisas do seu cotidiano passaram a ter outros significados. Peixe passou a ter uma outra conotação – agora era um tópico inconscientemente associado à um comentário relacionado ao seu corpo. O fato de Emma ter utilizado, repetidamente, produtos de limpeza íntima demonstra o quão suja ela se sentiu, o que torna o seu relato ainda mais forte.

Antes do crime, Emma era, no geral, uma garota confiante e, apesar de suas inquietações pessoais, ela tinha perspectiva de vida, de um futuro. Mas ser vítima de estupro, ver o caso se tornar público e ter tantas críticas e humilhações voltadas para ela, apagou a sua luz. Emma, antes contente com seu corpo, passou a percebê-lo da forma que centenas de comentários obscenos e depreciativos o caracterizaram. Antes tão admirada por todos, depois, apenas alvo de risos e comentários cruéis. A depressão tomou conta de sua vida, ataques de pânico tornaram-se frequentes e a culpa passou a ser para ela o sentimento mais familiar.

Faz-se preciso chamar atenção para uma das armadilhas do patriarcado que tem colocado as mulheres no lugar de rivais, e isso é visto e apontado, por exemplo, por um dos personagens, afirmando: “You girls are such bitches to each other.”⁹¹ (O'NEILL, 2015, 67) Tal aspecto é abordado por O'Neill, que problematiza e instiga o leitor a analisar essas representações que podem se apresentar através de um comentário que busca estigmatizar uma mulher por comportar-se de uma forma julgada inadequada (para uma mulher) e promíscua pela sociedade⁹²: “You've been with everyone else. It's hard to keep track⁹³.” (O'NEILL, 2015, p. 38)

no, inclino minha parte inferior do corpo para mais perto do espelho, me abaixando para olhar o reflexo. Está esfolado, vermelho em carne viva, o mesmo padrão de hematomas pontilhado na parte interna das minhas coxas.

⁹⁰ Tradução livre da autora: Ela aquece um pouco de óleo em uma frigideira no fogão e joga alguns filés de salmão. O cheiro é forte. Nauseante. (*Aposto que cheirava a peixe!!!!!!!!!!*) disse um dos comentários no Facebook. *Eu sou uma coisa. Eu sou uma coisa. Eu sou uma coisa.* Setenta e seis pessoas deram *like* no comentário. Fiz minha mãe sair no dia seguinte e comprar desinfetante vaginal na farmácia. Eu usei de novo e de novo e de novo. Eu queria ficar limpa. Eu queria cheirar a nada.)

⁹¹ Tradução livre da autora: Vocês são tão más umas com as outras.

⁹² “Slut-shaming”, em inglês.

⁹³ Tradução livre da autora: Você já ficou com todo mundo. É difícil acompanhar.

Além disso, Emma deparou-se com grande falta de empatia por parte das outras mulheres: “‘What a whore’. ‘I know. It's actually disgusting, like. Who does that? Who actually does shit like that? And lets them *video* it?’”⁹⁴ (O’NEILL, 2015, p. 153) disseminando, também, a culpabilização da vítima.

É imprescindível desconstruir as representações que colocam as mulheres nesse lugar. Essa libertação ainda está em curso e requer (des)construção diária, em todas as instâncias em que as mulheres puderem se manifestar contra a subjugação machista, não apenas como uma questão individual, mas como uma necessidade de rompimento das estruturas que mantêm a discriminação, o preconceito, a dominação, a subjugação.

⁹⁴ Tradução livre da autora: 'Que puta.' 'Eu sei. É realmente nojento. Tipo, quem faz isso? Quem realmente faz merda assim? E deixa-os filmar?'

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente, muitas mulheres já sentiram a dor de Emma. Elas não conhecem a sua história, mas conhecem a dor real de caminhar nas ruas, tomadas pelo medo e sem a certeza de proteção. Ah, se o perigo fosse somente nas ruas! As estatísticas mostram que 76,5% dos estupros acontecem dentro de casa. Ainda sobre a pesquisa apresentada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, através do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, 95,4% dos homens são responsáveis pelo crime de estupro, sendo 82,5% conhecidos da vítima – 40,8% pais ou padrastos e 37,2% irmãos, primos ou outro parente e 8,7% avós. (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2022, p. 5)

Durante a produção do presente trabalho, acompanhou-se diversos casos virem à tona, cujas narrativas foram tomadas e transformadas pela mídia, pelas autoridades e população. Embora muitas pessoas tenham gritado por justiça e demonstrado nas ruas, através de protestos, em redes sociais, etc., seu desprezo pelos estupradores e instituições responsáveis, as consequências das ações fortificadas pela cultura do estupro, certamente, causaram mais dor e transtorno nas vítimas.

A título de exemplo, a menina de dez anos, violentada pelo tio por quatro anos, cujas agressões sexuais resultaram em uma gravidez.⁹⁵ Além de todo trauma causado pelas constantes agressões sexuais vindas de alguém que deveria, no mínimo, protegê-la, a vítima foi coagida por uma juíza a manter a gravidez, fruto da mais extrema violência. Não obstante, a criança precisou ser alvo de críticas de religiosos que, em nome de Deus, queriam que a menina continuasse com a gestação, alegando ser crime, sendo que ela deveria estar segura a partir do que está previsto na lei.⁹⁶ Como se não bastasse toda violência à qual foi submetida pelo agressor, a menina ainda foi exposta publicamente.

No Piauí, outra criança de onze anos foi estuprada pelo primo e teve o aborto negado. Um ano após o crime, a menina voltou a sofrer estupro, dessa vez por um tio e, mais uma vez, foi compelida a manter a gestação, pois sua mãe considera o aborto um crime.⁹⁷ Um terceiro caso que tomou proporções midiáticas foi o estupro de uma atriz que optou por manter a gra-

⁹⁵ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-16/menina-de-10-anos-violentada-fara-aborto-legal-sob-alarde-de-conservadores-a-porta-do-hospital.html>

⁹⁶ Disponível em: <https://theintercept.com/2022/06/20/video-juiza-sc-menina-11-anos-estupro-aborto/>

⁹⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/09/menina-de-11-anos-que-teve-aborto-negado-no-piaui-volta-a-engravidar-por-estupro.shtml>

videz e entregar a criança para adoção. Ela teve sua história revelada e exposta à opinião pública.⁹⁸

Nos casos citados até aqui é possível ver que o corpo da mulher é violado e sua vontade desrespeitada e manipulada por crenças religiosas, pelo poder do patriarcado e a negação de direitos básicos, mesmo após não terem sido protegidas de crimes tão cruéis. Esses são apenas alguns casos que se tornaram de conhecimento público, mesmo quando não deveriam, pois, tais exposições contrariam o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA).

Assim como Emma (O'NEILL, 2015), a essas vítimas também foi negado o direito do silêncio ou, pelo menos, da discricção, perante a tanta dor. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022), apesar da grande subnotificação, “mais de 4 meninas de menos de 13 anos estupradas por hora no Brasil”.

[...] As vítimas, quando contabilizadas, são empilhadas em números, e disposta, no máximo, em estatísticas, que, de tempos em tempos, chocam a opinião popular por seus números altamente elevados. Todavia, números são a impessoalização do sujeito, e, desse modo, não expressam os traumas físicos nem psicológicos das vítimas e seus familiares. Eles só expressam os avanços e retrocessos do poder público em punir e coibir esse tipo de crime. (SOUZA, 2017, p. 10)

É preciso atentar-se também aos casos que não viram notícia na mídia e dar visibilidade e importância para os aspectos que constroem essa cultura a fim de disseminar informações e lutar contra tudo que ela representa. Muitos casos passam despercebidos, por vezes por essas agressões serem tão enraizadas e normalizadas. Em um dos casos relatados por Harding (2015, p. 21):

Despite photographic and video evidence of a sixteen-year-old girl being assaulted multiple times over several hours, few witnesses would come forward-although many took to social media to shame the drunk, passed-out girl for being a 'slut'. [...] The victim was harassed, and her family received death threats.⁹⁹

Se já é possível ver a falta de credibilidade das vítimas nos casos em que há evidência em vídeo e fotos, o que acontece quando é a palavra de uma mulher contra a palavra de um homem e de toda uma barreira social estruturada para protegê-lo?

⁹⁸ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/a-luta-ingloria-de-klara-castanho-na-justica-apos-violacao-de-privacidade/>

⁹⁹ Tradução livre da autora: Apesar das evidências fotográficas e em vídeo de uma garota de dezesseis anos sendo agredida várias vezes ao longo de várias horas, poucas testemunhas se apresentaram - embora muitas tenham levado as mídias sociais para envergonhar a garota bêbada e desmaiada por ser uma 'vadia'. [...] A vítima foi assediada e sua família recebeu ameaças de morte.

E foi pensando na realidade dessa sociedade caracterizada e discutida até aqui que O’Neill optou por fazer Emma desistir da denúncia: “I decided to end the stories in rather bleak, ambiguous ways. I didn’t do this to be sensational or to be emotionally manipulate the reader. I did it because I wanted to have an ending that was true to the narrative itself.”¹⁰⁰ (O’NEILL, 2015, 342) Lewis aponta:

Notably, many women mistrust the reporting process of what happened because they know their attacker and feel that people will not believe them or they feel that their attacker has more power over how the situation will be viewed. Oftentimes, society members that adhere to rape culture scrutinize victims’ stories and seek ways to blame or shame the victim for what occurred.¹⁰¹ (LEWIS, 2017, p. 36)

Fizeram a denúncia ser fonte para a mulher sentir-se mais culpada, uma vez que sua história estará aberta para todos aqueles que terão conhecimento sobre ela, e para que seu comportamento seja questionado e qualquer passo fora da linha seja utilizado como um meio de culpabilizá-la. Defende-se, entretanto, a luta, através de informação – oriundas do ambiente familiar e instituições responsáveis e/ou que influenciem no bem-estar e segurança das mulheres para que crianças, jovens e adultos – homens e mulheres – aprendam a reconhecer violências e combatê-las.

Precisa-se discutir e combater a cultura do estupro dentro de instituições de ensino a fim de que essas informações sejam um passo na desconstrução de tantos mitos que fortificam essa cultura. Como diz Lewis, ao falar sobre a utilização de romances da literatura YA para abordar o tema: “[...] people—more specifically, I imagine parents and teachers—use these texts to inform young adults about rape culture, rape, and related trauma.”¹⁰² (LEWIS, 2017, p.54)

Como os casos de estupro vêm crescendo de forma alarmante, é urgente falar mais a respeito da cultura do estupro e dos aspectos que a cercam. É preciso que fazer discussões e conduzir esses debates para o meio acadêmico, principalmente para cursos de formação de professoras e professores, como uma forma de preparação – os profissionais de educação lidam diretamente com outras pessoas que perpassam por diversos meios e, em suas vivências

¹⁰⁰ Tradução livre da autora: Posfácio: [...] decidi terminar as histórias de maneira bastante sombria e ambígua. Não fiz isso para ser sensacional ou para manipular o leitor emocionalmente. Eu fiz isso porque queria ter um final que fosse fiel à própria narrativa.

¹⁰¹ Tradução livre da autora: Notavelmente, muitas mulheres desconfiam do processo de denunciar o que aconteceu porque conhecem seu agressor e sentem que as pessoas não vão acreditar nelas ou sentem que seu agressor tem mais poder sobre como a situação será vista. Muitas vezes, os membros da sociedade que aderem à cultura do estupro examinam as histórias das vítimas e procuram maneiras de culpar ou envergonhar a vítima pelo que ocorreu.

¹⁰² Tradução livre da autora: [...] as pessoas - mais especificamente, imagino pais e professores - usem esses textos para informar os jovens adultos sobre a cultura do estupro, estupro e traumas relacionados.

podem deparar-se com casos de violência sexual, e o conhecimento acerca dessa temática pode possibilitar uma atitude crucial diante desses casos.

Além disso, as discussões nesta pesquisa podem ser levadas pelos professores para o ambiente escolar, servir como mais um contributo à compreensão a partir de problematizações que instiguem os estudantes a terem um pensamento mais crítico e empático em torno do tema. Sendo assim, ratifica-se a importância deste trabalho, como também quaisquer outros que dialoguem com o contexto cruel em que as pessoas vivem – para assim, ajudar uns aos outros nesse processo de (des)construção contínuo, levando e guiando essas discussões para todos os meios, bem como esclarecimento, apoio e representatividade.

This ubiquitous idea that by controlling our behavior, appearance, and whereabouts we can keep ourselves from being raped does nothing to help women [...] It merely takes the onus off the rest of society to seriously consider what we can all do to prevent sexual violence. It keeps our focus on what the victims did 'wrong' instead of on what type of person rapes, or how he chooses his victims, or how we can prosecute sexual assaults more effectively. It trades on reductive, sexist ideas about how 'good' and 'bad' women behave and strongly suggests that some victims, frankly, had it coming.¹⁰³ (HARDING, 2017, 33)

As palavras da autora reforçam uma necessidade de desconstruir as ideias que sustentam arquétipos sociais, rigidamente forçados sobre as mulheres. Esses paradigmas criados para definir os papéis de homens e mulheres na sociedade a partir de um sistema de opressão. Isso resulta em práticas forjadas para enaltecer um sobre o outro – o outro, a mulher, torna-se apenas uma mera passageira na sua própria vida, objetificada, subjugada e condenada, antes mesmo do seu nascimento, a comportar-se de acordo com o que foi pré-estabelecido.

Através da narração de Emma (O'NEILL, 2015), percebe-se como a mulher é objetificada e valorizada a partir dos aspectos físicos e de que forma ela pode servir ao homem. Emma entende que só tem duas opções – a de ser Maria ou Eva, virgem ou prostituta – e são nesses arquétipos que muitas mulheres se veem presas, por isso a necessidade de informações para desconstruí-los. Como diz Inkpin (2019, p. 56): “acreditando na sua inferioridade, permanecem em tal situação não por algum dado biológico ou intelectual, mas pelo fato de que têm menos acesso aos serviços de educação e saúde e menos oportunidades de formação e emprego.” Por isso a informação e instrução são fundamentais para combater

¹⁰³ Tradução livre da autora: Essa ideia onipresente de que, controlando nosso comportamento, aparência e paradeiro pode nos impedir de ser estupradas não ajuda as mulheres [...] Apenas tira o ônus do resto da sociedade de considerar seriamente o que todos podemos fazer para prevenir a violência sexual. Mantém nosso foco no que as vítimas fizeram de 'errado' em vez de em que tipo de pessoa estupra, ou como ele escolhe suas vítimas, ou como podemos processar agressões sexuais de forma mais eficaz. Ele negocia com ideias redutoras e sexistas sobre como as mulheres 'boas' e 'más' se comportam e sugere fortemente que algumas vítimas, francamente, mereciam.

esse sistema que destaca o homem e inferioriza a mulher – impelindo ambos a desempenharem papéis aos quais foram sentenciados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone. **Segundo Sexo: fatos e mitos**. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1983.
- CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CART, Michael. **The Value of Young Adult Literature**. 2008. Disponível em: <<http://www.ala.org/yalsa/guidelines/whitepapers/yalit>> Acesso em: 16 de mar. de 2020.
- CLEVELAND, Erika; DURAND, Sybil. Critical Representations of Sexual Assault in Young Adult Literature. **The Looking Glass: New Perspectives on Children's Literature**. The Tortoise's Tale. 2014, v. 17, n. 3.
- COLANTONIO-YURKO Kathleen; MILLER Henry; CHEVEALLIER Jennifer. “But She Didn’t Scream”: Teaching About Sexual Assault in Young Adult Literature. **Journal of Language and Literacy Education**. 2018, v. 14, n. 1.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes Tradução Waltensir Dutra; [revisão da tradução João Azenha Jr.], 2006. (Biblioteca universal)
- FIGUEIREDO, D. de C. Discurso, gênero e violência: uma análise de representações públicas do crime de estupro. **Language and Law / Linguagem E Direito**. 2014, v. 1, n. 1, p. 141-158.
- FIGUEIREDO, D. de C. Vítimas e vilãs, “monstros” e “desesperados”. Como o discurso judicial representa os participantes de um crime de estupro. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão. 2002, v. 3, n. 1, p. 135-155.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA - FBSP. **Anuário brasileiro de segurança pública**. Ano 16, ISSN 1983-7364, 2022.
- HARDING, Kate. **Asking for It: The Alarming Rise of Rape Culture-and What We Can Do about It**. Boston: Da Capo Lifelong Books, 2015.
- INKPIN, Sally Cheryl. **Negrura, brancura e mestiçagem no imaginário literário brasileiro**. Salvador: Eduneb, 2019.
- LEWIS, Katy. She Wanted It?: Examining Young Adult Literature And Its Portrayals Of Rape Culture. **Milner Library**, Illinois State University. 2017. Disponível em: <<https://ir.library.illinoisstate.edu/etd/693/>> Acesso em: 24 de nov. de 2022.
- LIMA, Lana Lage da Gama. Cultura do estupro, Representações de Gênero e Direito. **Revista Language and Law/Linguagem e Direito**. 2017, v. 4, n. 2, p. 7-18.
- NILSEN, Alleen Pace; DONELSON, Kenneth L. **Literature for Today’s Young Adults**. Ed. 8. Pearson Education, 2008.
- O’NEILL, Louise. **Asking for it**. Quercus. United Kingdom, 2015.

RICH, Adrienne. Heteronormatividade compulsória e a existência lésbica. **Bagoas** - estudos gays: gêneros e sexualidades. Tradução: Carlos Guilherme do Valle. Rio Grande do Norte. 2010, v. 5, p. 17-44.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo. Moderna, 1987. (Coleção Polêmica).

SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. **Rev. Estud. Fem.** 2017, v. 25, n. 1, p. 9-29.

XAVIER, Elódia. **Tudo no Feminino**: Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1991.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Revista Via Atlântica**. 2008, v. 1, n. 14. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>>. Acesso em: 27 de nov. de 2022.